



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Jornalismo

Professora Orientadora: Ellis Regina Araújo da Silva

Casa dos Prazeres

Balaio Café: território de cultura e identidades

Ana Júlia Gonçalves de Melo

Brasília-DF, junho de 2014



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Jornalismo

Professora Orientadora: Ellis Regina Araújo da Silva

Casa dos Prazeres

Balaio Café: território de cultura e identidades

Ana Júlia Gonçalves de Melo

Memorial descritivo apresentado à
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social com
habilitação em Jornalismo.

Brasília-DF, junho de 2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Trabalho de Conclusão de Curso

Membros da banca examinadora:

Professora-Orientadora Doutora Ellis Regina Araújo da Silva

Professora Doutora Dione Oliveira Moura

Professora Mestre Luana Nunes Martins de Lima

Suplente: Professor Doutor Marcos de Souza Mendes

Brasília-DF, junho de 2014

A todas e todos que lutam pela direito à diversidade, a ser quem se é.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais que me possibilitaram, além da vida, o despertar pelo prazer de viver. À minha irmã que me ensina diariamente como vivê-la.

À República do Amor, a Davi Sena e aos amigos Ádon Bicalho e Cícero Bezerra que sustentaram a carga emocional que a experiência desse projeto me trouxe.

À professora doutora Ellis Regina que aceitou o desafio de me orientar mesmo sabendo das dificuldades que vinham já somadas a esse trabalho.

A toda equipe do Balaio Café e, principalmente, Jul Pagul, que acreditou nesse projeto e permitiu que ele fosse realizado. A Patrícia Egito a Luana Ferreira que colaboraram de forma ativa para que esse documentário acontecesse.

À pequena e querida equipe de produção que, sem eles, não haveria Casa do Prazeres. Thiago Santos, pela filmagens e principalmente pelo tempo e companhia. Bárbara Miranda que dedicou seu tempo à criação da arte do filme. Alesson Campos pela edição e montagem, sem às quais não haveria terminado o projeto a tempo e, também pela amizade adquirida.

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta a Balaio Café como um espaço de diversidade que congrega diferentes identidades. O trabalho busca provar ser o Balaio um território de grande importância, principalmente, para Brasília que congrega grande diversidade cultural, política e social em um mesmo espaço e de forma harmônica. Para isso, descreve as diferentes etapas de realização de um documentário audiovisual que possui como objetivo mostrar o Balaio como território agregador e criador de identidades. O produto traz entrevistas com pessoas que, de alguma forma, se relacionam com a casa, mostrando assim a diversidade e importância cultural para a cidade. O café se mostrou produtor e fomentador das mais diversas expressões artísticas como cinema, literatura, música, teatro, fotografia, artes plásticas, entre outras, incluindo as representações que não encontram lugar na maioria dos espaços do Plano Piloto, centro da capital federal, tais como religiões afrodescendentes, homossexuais, mulheres, população indígena e negros. É sim um território de cultura e identidades.

Palavras-chave: Balaio Café, território, identidade, diversidade, documentário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Delimitação do Tema Geral	07
1.2 Objeto de Estudo	07
1.3 Produto	07
1.4 Problema	07
2. OBJETIVOS	08
2.1 Objetivo Geral	08
2.2 Objetivos Específicos	08
3. JUSTIFICATIVA	09
3.1 Importância Cultural	11
3.2 Importância Política e Social	13
3.3 Importância de Registro	15
4. CONTEXTUALIZAÇÃO	18
5. REFERENCIAL TEÓRICO	21
5.1 Território e Identidade	21
5.2 Documentário	27
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
6.1 Pesquisa	33
6.2 Entrevista	35
6.3 Captação	42
6.4 Edição	44
6.5 Finalização do Projeto	45
6.6 Dificuldades	45
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
8. REFERÊNCIAS	52
9. ANEXOS	59
9.1 Cronograma	59
9.2 Orçamento	60
9.3 Equipe	60
9.4 Roteiro	61
9.5 Autorizações	69

1 INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do Tema Geral: Balaio Café, território de cultura e diversidade.

1.2 Objeto de Estudo: Balaio Café – CLN 201, Bloco B.

1.3 Produto: Documentário audiovisual, 22min e 31seg.

1.4 Problema: O Balaio Café, como lugar de grande abrangência cultural e espaço que representa as minorias com nicho frequentador, entre outros, e não somente estes, de negros, religiões de origem afro, feministas, LFGBTT, militantes políticos, ativistas, sambistas, artistas agrega toda essa diversidade num mesmo espaço. Dessa forma o Balaio Café pode ser definido como território? Quais as relações estabelecidas entre este território e identidade?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Mostrar a importância do Balaio Café como território de cultura e diversidade em Brasília.

2.2 Objetivos Específicos

- Mostrar o Balaio Café como território em suas relações de identidade e cultura.
- Registrar os acontecimentos diários e noturnos que se desenvolvem na casa.
- Apresentar a importância do Balaio como espaço que abriga minorias.
- Evidenciar as diferentes identidades que frequentam o Balaio Café.
- Documentar a opinião de diversos movimentos culturais e frequentadores da casa sobre o espaço.
- Documentar, em parte, o que é o Balaio Café, principalmente de forma simbólica, para servir de arquivo às gerações futuras.

3 JUSTIFICATIVA

O *Balaio Café*, intimamente chamado de casa dos prazeres, é, como diz o nome, primeiramente um café, além de bar e restaurante. Foi inaugurado há mais de sete anos, no dia 18 de agosto de 2006 pela proprietária Juliana Andrade, mais conhecida e chamada por Jul Pagul. Inicialmente, Jul dividia com a irmã a gerência da casa, porém a parceria se desfez em 2008. Em 2010, Jul começou nova sociedade e, nesse período, o Balaio adquiriu a casa La Ursa. Entretanto, a parceria não deu certo e foi desfeita em processo de litígio. Desde junho de 2012, Jul administra a casa sozinha.

Durante esse período de sociedade, o Balaio esteve vinculado à loja La Ursa, no Setor Bancário Norte. Porém, por motivos de incompatibilidade de gerenciamento, houve uma dissolução de sociedade parcial da empresa em junho de 2012, período que foi desvinculada uma casa da outra. O segundo sócio ficou com o estabelecimento La Ursa e a Jul com o *Balaio Café*.

Nos quase 8 anos de funcionamento, o estabelecimento ficou fechado por alguns meses, segundo a proprietária, por ação arbitrária da Administração de Brasília no ano de 2010. O alvará foi caçado sem procedimento administrativo prévio como notificação, advertência e multa. Havia reclamações de vizinhos por conta do barulho. Foi preciso aproximadamente quatro meses para poder conseguir um novo alvará e reabrir a casa.

Com funcionamento de segunda a segunda, o café oferece todas as refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar), além de cafeteria, bebidas e opções de lanches rápidos. De terça a sábado, está aberto das 8h às 2h. Às segundas-feiras, funciona das 8h às 17h. Aos domingos, o horário de atendimento é restrito ao período da tarde, funcionando das 17h às 2h.

A casa se descreve no *site* institucional como um lugar “para se trazer gente, para se conhecer gente, para ser gente; lugar de quem sabe o que procura, e de quem quer descobrir”¹. É, por definição própria, uma casa de cultura. Cinema, música, exposições, saraus, teatros e lançamentos como, por exemplo, de livros, revistas, CDs, mixtapes, filmes, projetos, constam nas atrações do local.

¹ Disponível em: <<http://balaiocafe.com.br/sobre/>> Acesso em: 17 de março de 2014.

Com espaço diverso, conta com o andar térreo no qual se encontram a maioria das mesas em ambiente externo, balcão e caixa, estante com livros e revistas. Há ainda um andar superior, mais reservado e aconchegante, com mesas e sofás. O subsolo, com espaço amplo, também é utilizado pra festas e eventos diversos e funciona como pista de dança, palco para a capoeira angola ou sala de cinema e debate em exposições do cineclube. Nas paredes internas, encontram-se quadros de artistas plásticos, ilustrações, fotografias e grafites. Nas paredes externas, existem colagens, gravuras e diversos cartazes de festas e eventos que movimentam a cidade. A localização da loja é de uma esquina a outra do bloco comercial em que se encontra, dessa forma está virada para o praça entre os blocos A e B, assim, permite o aproveitamento desse espaço externo.

A realização de eventos na casa são de dois tipos: os feitos pelo próprio café e os que são realizados por terceiros que pedem que se ceda o espaço ou o alugam. Eles acontecem em vários formatos, mas sempre buscando garantir diversidade, acesso à cultura, e espaço de circulação dos bens culturais.

A programação conta com eventos semanais fixos como já foi a Toranja às quartas-feiras, festa gratuita aberta ao público com DJ no piso inferior ou térreo que aglomerava grande número de pessoas na casa e na praça. O samba de terreiro às quintas-feiras com o grupo Filhos de Dona Maria, no qual se cobra entrada no preço de 5 reais para *couvert*. O espaço realiza eventos, fixos ou especiais, às vezes pagos ou não, com variação média de preço entre 5 e 15 reais. Mas se preocupa principalmente com o acesso à cultura e, por isso, promovendo diversos eventos e festas sem cobrar entrada.

A chamada Casa dos Prazeres não se restringe à música, por mais que essa seja seu carro chefe. Também serve de espaço para reunião de grupos e movimentos sociais, eventos de lançamento e eventos artísticos, exposições, apresentações culturais, shows de bandas e grupos e espetáculos. Algumas das atividades realizadas pelo *Balaio Café* são desenvolvidas com a ajuda e apoio de parceiros externos, com os quais é trabalhada em conjunto, direta ou indiretamente, a realização de projetos. Parceiros como, por exemplo, Mulheres no Volante, festival de cultura feminista; cineclube Jiló na Guela; Cia Revolucionária Triângulo Rosa, coletivo sexo diverso; e Há bares que vem para o bem, blog gastronômico.

O Balaio também interage com o público a partir de mídias sociais que conectam o café com seus clientes. Sua página no Facebook Balaio Café possui até o momento 22.029 curtidas, e o Twitter @balaiocafe 2.078 seguidores. Por intermédio dessas mídias há maior interação, o que gera proximidade através das visualização diária, ou no mínimo regular, daqueles clientes que utilizam as redes sociais. As atualizações e postagens na internet divulgam eventos do espaço, assim como cardápio e informações importantes.

3.1 Importância Cultural

A Casa dos Prazeres é conhecida e reconhecida pela sua diversidade cultural. Em um mesmo espaço, pode-se encontrar um DJ tocando carimbó e maracatu, uma feirinha de usados na parte externa, um filme no subsolo e uma reunião de algum movimento social no andar superior. Durante a semana, pode haver inúmeras atividades semanais das mais diversas como a apresentação de MPB terça-feira, festa com DJ de música *indie* e alternativa na quarta-feira, grupo de samba na quinta-feira, espetáculo musical aos Orixás na sexta-feira, um filme no sábado e um evento de mobilidade, cinema e música no domingo, a exemplo ilustrativo do Menu Cultural do Balaio da semana de 17 a 22 de setembro de 2013².

A casa não é a única em Brasília que apresenta eventos culturais de tais naturezas, mas é das poucas senão a única que consegue convergir tudo isso em um mesmo espaço, além de abranger de forma harmônica tamanha diversidade. A principal atividade é a musical, e para isso possui alvará de funcionamento que permite o som no estabelecimento. Além de festas com músicas mecânica, são realizadas festas e eventos com música ao vivo com artistas da cidade e de fora.

Além da música, o Balaio Café abre espaço para teatro, dança, lançamento de livros, CDs, filmes, exposições de fotografia, artes plásticas, debates etc. A casa recebe, e já recebeu, artistas de certa forma já consagrados, seja em Brasília, em outros estados e até mesmo fora do país, mas também dá espaço àquele que busca reconhecimento. Alguns eventos de maior repercussão foram notícia do jornal local

² Menu Cultural. Disponível em: <<http://balaiocafe.com.br/menu-cultural-semana-17-a-22-e-setembro/>> Acesso em: 20 de abril de 2014.

Correio Braziliense como, por exemplo, a discotecagem do músico carioca Cícero³ no Balaio depois de fazer show na cidade. Músicos da cidade listados como destaque⁴ se apresentam no Balaio Café. Também ilustra a diversidade de eventos, o pedido de financiamento dos fãs para CD da dupla Letuce⁵, lançamento de livro de fotografia do jornalista Gustavo Nolasco⁶, show de lançamento da coletânea “Artista Igual a Mendigo” de diversos músicos do país⁷, lançamento do livro de Goli Guerreiro sobre a difusão da cultura africana⁸, entre outros diversos que não poderiam ser contabilizados. Eventos comemorativos também se enquadram na programação da casa como o Dia do Rock⁹ ou as celebrações para o mês da mulher¹⁰.

O Balaio Café é espaço já conhecido também como palco do carnaval da cidade. O bloco de carnaval, com temática feminista e de afirmação da mulher, “Bloco das Perseguidas” foi idealizado pela dona da casa Jul Pagul¹¹ um ano atrás (2013). A ideia surgiu após ataques recebidos, rotulando-a como ‘perseguida’ em montagem feita do seu rosto com o rosto de uma macaca, que amanheceu um dia pregado na frente do Balaio Café. No carnaval desse ano, em março de 2014, o

³ CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2009/07/13/interna_diversao_arte,125854/index.shtml>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁴ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/12/14/interna_diversao_arte,403463/correio-braziliense-relembra-musicos-que-se-destacaram-na-cidade-este-ano.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁵ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/02/17/interna_diversao_arte,290207/dupla-letuce-counta-com-ajuda-dos-fas-para-producao-do-segundo-cd.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁶ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/03/05/interna_diversao_arte,291919/povo-que-mora-as-margens-do-sao-francisco-inspira-jornalista-e-fotografo.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁷ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/04/23/interna_diversao_arte,299222/musicos-fazem-show-para-o-lancamento-da-coletanea-artista-igual-a-mendigo.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

⁸ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/11/19/interna_diversao_arte,223828/goli-guerreiro-lanca-dois-livros-sobre-a-difusao-da-cultura-africana.shtml>

⁹ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2009/07/13/interna_diversao_arte,125854/index.shtml>

¹⁰ Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/03/08/interna_cidadesdf,178130/index.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

¹¹ Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/01/20/interna_cidadesdf,345057/bloco-das-perseguidas-adianta-o-clima-carnavalesco-na-asa-norte.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

Balaio sediou o lançamento do bloco “Essa boquinha eu já beijei”¹². A casa abre as portas para pré-carnavais e para o carnaval, assim como para os foliões da cidade. Diferente da maioria dos outros blocos que se concentram na rua, o Balaio oferece o seu próprio espaço, um estabelecimento privado, para os festejos, estendidos para a praça e para rua.

Pode-se notar que a Casa dos Prazeres tem a proposta de abranger o máximo de diversidade cultural, principalmente aquela que não tem espaços em outras casas. Ela foge à regra da cultura hegemônica, mesmo sem excluí-la. Diferencia-se do circuito comercial, predominante na maioria dos espaços abertos à cultura e apresentações. Também se diferencia pela via de mão dupla na qual não apenas a casa busca artistas, como os artistas vêm em busca da casa e, via de regra, encontram um espaço aberto.

3.2 Importância Política e Social

O Balaio Café é abertamente identificado como lugar politizado. As portas estão sempre abertas a todos, mesmo a grupos que não necessariamente tenham as mesmas ideologias e pensamentos. Não é de se estranhar se encontre anarquistas discutindo num ambiente cercado de fotos representativas do candomblé, como já aconteceu. A diversidade político-ideológica que se encontra, na maior parte das vezes, não gera conflitos por não compartilhar as mesmas ideias e opiniões. O próprio movimento cultural efervescente da casa, de contestação e questionamento, está estritamente ligado com a política e as questões sociais. O Balaio representa diversas pessoas que se identificam com o espaço de diferentes formas, e de formas até contraditórias, porém trabalham no intuito de agregar, de trazer o diálogo e a inquietação como incentivo de mudança e de ação. São várias as vertentes políticas e sociais que transitam neste espaço comum que é o Balaio Café.

¹² Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/04/interna_cidadesdf,415782/folios-do-bloco-essa-boquinha-eu-ja-beijei-se-reunem-na-201-norte.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

O movimento negro, que luta contra o racismo e suas consequências discriminatórias, é representado culturalmente pelo samba de terreiro do grupo Filhos de Dona Maria que se formou no Balaio e se apresenta semanalmente. Esse espaço se constitui não apenas culturalmente com a música e a dança, mas é também um espaço de resistência e de afirmação. Traz consigo um movimento de direção inversa ao que se vê tradicionalmente, que é a vinda da periferia ao centro não como força de trabalho, no período do dia; mas uma visão de apropriação desse espaço central da cidade pela cultura marginalizada dos terreiros e religiões de matriz africana, no período da noite.

A questão de gênero e a sexo diversidade é sempre colocada em pauta. Seja na temática de filmes no cineclube ou nos debates. Indiretamente também pode ser vista nas exposições, lançamentos de livros e filmes, e festas. O Balaio também é casa, no sentido de lugar que abriga, de associações e organizações que representam as mulheres, de grupos de orgulho lésbico, gay, bissexual, travestis e transexual (LGBTT), entre outros. Esses grupos trabalham para garantia de seus direitos junto ao governo, à sociedade civil e, principalmente, à liberdade, o poder ir e ver, o poder ser, que muitas vezes lhes são suprimidos em outros espaços e na sociedade em geral. Representa, por exemplo, esse segmento a Cia Revolucionária Triângulo Rosa.

Com destaque dentro dos movimentos sociais e de diversas formas de luta de gênero, o feminismo é uma bandeira forte dentro do Balaio. A própria gestão da casa é feita de forma a dar à mulher os espaços que lhe são de direito, com incentivo tanto a composição do corpo de trabalho da casa feito por elas, quanto o incentivo cultural de dar abertura e espaço à voz feminina, à criação e à movimentação da mulher. É uma política diária feita a favor das mulheres e uma questão de reivindicação social histórica que ganha espaço. Grupos como Mulheres no Volante, Coturno de Vênus e Marcha das Vadias são representantes de atuação e militância dentro do feminismo, e também da questão lésbica e outras questões de gênero.

Todos esses grupos atuam de diversas formas e fazem do Balaio seu território de afirmação e de luta. Além de encontros e reuniões, são desenvolvidos debates, oficinas, festas e eventos em geral, além da celebração de datas importantes para cada um deles. Também são temáticas de discussão a questão

indígena, manicomial, de pessoas em situação de risco, entre tantos outros segmentos sociais que ganham espaço dentro da casa. Dessa forma, o Balaio engloba uma importância na atuação e nas reivindicações políticas e sociais desses diversos setores representativos, muitas vezes não representados e sem voz diante de suas demandas e necessidades.

Para além das demandas dos movimentos sociais já mencionados, o Balaio também luta por direito à cidadania, direito à cidade, direito à liberdade de expressão, direito à liberdade artística, direito à cultura, direito à boemia, entre tantos outros. Exemplo dessa luta é a afirmação e valorização da pracinha ao lado do café. Defendendo a ocupação urbana e o direito à cidade, foi proposto o batismo da praça que aconteceu na comemoração do dia do trabalhador. O batismo da Praça dos Prazeres foi realizado com espumante e uma carta manifesto sobre os espaços da cidade, as liberdades e os direitos perpassando as questões de preconceito, intolerância e discriminação.

Dentro dessa diversidade, o café tem uma preocupação visível no que tange aos direitos humanos, com a tentativa de englobar o máximo de representações minoritárias, na maioria das vezes cerceada de direitos e espaço nos estabelecimentos da cidade ou mesmo na vida cotidiana. O Balaio Café valoriza, apoia e abre seu espaço a essas pessoas que são das mais diversas categorias de luta, muitas vezes excluídas, alvos de preconceito e discriminação. Esses grupos que muitas vezes não encontram lugar em outros espaços, geram formas de identificação com a casa, fazendo do Balaio território de pertencimento e de ação.

3.3 Importância de Registro

A documentação de toda essa movimentação cultural que acontece na Casa dos Prazeres é importante para cidade, como memória tanto para a cultura da cidade em si como registro do que acontece, o que representa e o que faz parte da cultura local de Brasília. A linguagem audiovisual propõe uma forma de ver tudo isso. É um olhar sobre o presente por meio de imagens e sons. O Balaio Café, com toda a efervescência cultural que o constitui, é marcado por símbolos e histórias a serem contadas. Histórias, símbolos e uma vida cultural a serem documentados.

O Balaio é uma casa de cultura, além de estabelecimento para alimentação, que se localiza no centro da capital do maior país da América Latina. É espaço de convívio do dia-a-dia de diversos moradores e trabalhadores do Plano Piloto, principalmente da Asa Norte. É espaço cotidiano de trabalhadores que almoçam e tomam um café ou uma cerveja depois do expediente. É, como já foi dito, lugar de diversidade cultural e, muitas vezes, citado como referência de liberdade e de manifestação pelos próprios frequentadores ou de quem conhece a casa. Por outro lado, é ao mesmo tempo cerceado pelo poder público (executivo, legislativo e judiciário) e também por pessoas que não se identificam com a casa.

É um lugar que dá espaço à música de vários gêneros, à cultura de várias formas, mas, por outro lado, vem sendo perseguido. Além do fechamento em 2010 e processos judiciais, O Balaio Café vem recebendo visitas de órgãos da administração pública censurando a música da casa como ocorreu em março de 2014 quando a proprietária Jul Pagul foi multada em 5 mil reais e as atividades sonoras da casa interditadas. Outros estabelecimentos comerciais na mesma quadra, com música e sons acima do estipulado pela Lei do Silêncio, não recebem a mesma fiscalização. Em questão de poluição sonora, falta um acordo que dialogue com ambas as partes prejudicadas, o que reclama do barulho e o que depende e trabalha com o “barulho”. Da forma que vem acontecendo, tanto músico quanto público e a cidade como um todo perde em questões de trabalho e lazer, sem satisfazer, de forma geral, os que se dizem incomodados com o som.

O Balaio Café pode vir a ser, se já não é, berço de uma nova geração contestadora aberta ao debate e ao questionamento de modelos hegemônicos de cultura, de lazer, e mesmo de pensamento político e de ação social. O Balaio se encontra em uma capital que ainda sofre com resquícios da ditadura, do excesso de moralidade e da intolerância com a diversidade. Isso pode ser detectado, por exemplo, nas acusações dos processos judiciais que a casa sofreu (incapacidade administrativa por questão de gênero, tipo de roupa usada pelos frequentadores e por tocar música de “macumba”).

Nesse contexto, o Balaio é uma casa de cultura, de certa forma livre e diversa, que ao invés de ser reconhecida e respeitada com tal, é, muitas vezes, censurada e cerceada em suas atividades. É, dessa forma, importante questionar o

uso dos espaços na cidade, se ele é feito de forma democrática que contemple e garanta o direito de todos, e não apenas de alguns.

O trabalho desenvolvido pela casa e por todos aqueles que a rodeiam demonstra o interesse de agir como sujeitos singulares, e de ser. Esse desejo reflete as interações sociais existentes e territorializa o espaço.

Sem dúvida, sempre que houver homens trabalhando em interações com o espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e trabalhar no espaço social, estar-se-á também diante de um território, e não só de um espaço econômico: é inconcebível que um espaço tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorializado por alguém (SOUZA, 200, p. 96)

O Balaio, como território muitas vezes ameaçado, espaço de todas essas identidades, é uma casa de relevância para Brasília, que deve ser explorada e questionada. O registro desse momento e desse espaço, junto com as contestações que ele levanta, pode vir a ser de importância histórica para a cidade. E desta forma, sua documentação também se firma como de grande importância.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

O Balaio Café é uma casa que desde sua criação tem em seus objetivos ser mais do que um café. Sempre buscou e busca fomentar a cultura em toda sua diversidade. Nasceu com o ideal de ser um espaço de cinema, estendeu-se essa ideia e hoje é, além de um polo cultural da cidade, espaço para experimentação, divulgação, socialização e lazer. Entre seus objetivos, a aproximação do cliente com a casa é feita na relação pessoal e de acolhimentos da equipe, desde a proprietária, gerentes e os garçons.

O estabelecimento busca interagir com frequentadores e clientes, e para isso usa com frequência mídias sociais. Prova do alcance e visibilidade que as redes dão ao café é o fato do aumento de *likes* e seguidores do Facebook e Twitter do primeiro semestre de 2013 até o presente momento (meados de 2014). No Facebook e no Twitter os números subiram respectivamente de 5.270 para 22.029, e de 1.830 para 2.078.

Desde 2008, Brasília tem em seu aparato legal a Lei nº 4.098/2008 conhecida como Lei do Silêncio. A lei delimita em decibéis o limite do som para áreas próximas a residências, principalmente para depois das 22h. A penalidade de multa é aplicada para o estabelecimento que for denunciado e/ou fiscalizado pelo órgão responsável, no caso do Distrito Federal o Instituto Ambiental (IBRAM).

A lei que silencia a cidade não é polêmica apenas no Distrito Federal. Outras cidades no Brasil usam do mesmo modelo de aparato legal como é o caso de São Paulo, que fechou 26 bares desde o começo do ano¹³. Em Brasília bares, restaurantes e espaços que possuem apresentações culturais noturnas ou que apenas reúnem gente sofrem sanções ou são fechados como foi o caso da distribuidora de bebidas Piauí na Asa Sul¹⁴. Em parte a medida é vista como prejudicial à vida cultural da cidade e ao trabalho daqueles artistas, músicos e DJ que dependem da vida noturna e desses espaços como fonte de renda e sobrevivência.

¹³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/04/lei-do-silencio-fecha-26-bares-em-tres-meses-em-sao-paulo.html>> Acesso em: 08 de maio de 2014.

¹⁴ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/26/interna_cidadesdf,419660/lei-do-silencio-interdita-distribuidora-de-bebidas-piaui-na-asa-sul.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

Dentro do contexto atual vivido em Brasília com a Lei do Silêncio e a represália à vida cultural e noturna na cidade surge o movimento 'Quem desligou o som?'. Com página no Facebook¹⁵, defende a música ao vivo em bares, restaurantes e lugares públicos no DF. Entre as formas de atuação possuem um manifesto produzido em vídeo divulgado no Youtube¹⁶ e fazem encontro para discussão e debate com a sociedade civil interessada, além de participar de audiência pública sobre o tema e eventos de interesse correlato. O Balaio Café está entre os espaços que sofrem com a norma. Já foi multado por poluição sonora, além de ter respondido processo por perturbação da tranquilidade.

O Balaio também é alvo de outras formas de violência. Respondeu processo do ex-sócio com o fim da sociedade, que acusava a proprietária Jul Pagul de incapacidade de administrar o estabelecimento baseado nos seu posicionamento feminista e libertário. Fatos como a recusa à venda da cerveja Devassa por, na visão da proprietária, comercializar, objetificar e diminuir a figura da mulher, ou a permissividade dada pela a mesma ao encontro de associações e coletivos que, no entendimento do ex-sócio, eram prejudiciais ao negócio e a perspectiva comercial da casa.

Mesmo sendo localizado numa quadra sem prédios residências atrás (CLN 201 Norte) respondeu também a processo de perturbação da ordem movido pela vizinha da quadra da frente (SQN 202 Norte), que além de reclamar do barulho, acusava a casa de tocar música de macumba e de ter entre os frequentadores mulheres “de shortinho”.

Também foi registrado e noticiado caso de espancamento de um casal lésbico na véspera do carnaval na saída do Café¹⁷, no qual uma das vítimas que chegou a ser hospitalizada foi agredida física e verbalmente com palavras como “neguinha” e “sapatona”, que comprovam discriminação e a motivação da agressão por preconceito.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/quemdesligouosom?fref=ts>>

¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ubHdTZDD8Vg>>

¹⁷ Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/28/interna_cidadesdf,415188/quatro-mulheres-sao-agredidas-na-saida-de-um-cafe-na-asa-norte.shtml> e
<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/28/interna_cidadesdf,415223/jovem-homossexual-espancada-em-bar-e-chamada-de-neginha-e-sapatona.shtml>

Com o contexto atual de perseguição e risco de fechamento da casa, foi criada em abril de 2014, paralelamente à página oficial do café no Facebook, uma outra página denominada Associação Amigas e Amigos dos Prazeres¹⁸ que até o momento conta com 531 *likes* e se define como: associação que pretende articular a classe artística e o público de Brasília para manter a vida cultural da Praça dos Prazeres e da cidade, em geral, diante das represálias que vem sofrendo proprietárias e proprietários de estabelecimentos que pretendem transformar seus lugares em pontos de fomento à cultural.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/amigxsdosprazeres?fref=photo>>

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Território e Identidade

O espaço é algo limitado e desperta interesses. Possui diversas funções além de estar associado com valores culturais, históricos, religiosos, patrimoniais, de soberania e de poder. O espaço no qual há certo controle e domínio por um grupo social ou comunidade é chamado de território. Ao questionar, nesse trabalho, primeiramente se o Balaio Café é um território, se faz necessário entender o que é território. O termo território possui dimensões objetivas e subjetivas, e pode ter diferentes formas de conceituação. Para isso, utiliza-se, nesse estudo, o conceito do geógrafo Claude Raffestin dado em seu livro *Por uma Geografia do Poder*:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territorializa' o espaço. (RAFFESTIN,1993, p.143)

Esse ator sintagmático pode ser qualquer pessoa, e qualquer pessoa pode produzir território. O território é especificado pelas relações de poder e a identidade dos grupos sociais. As relações que se produzem no território o definem e o estabelecem, é a partir da ação do sujeito e das relação que se cria com outros sujeitos que se formula o território. Essas relações, como no caso do Balaio, são mediatizadas pelo espaço onde elas acontecem.

As relações se produzem com o fato de os sujeitos se identificarem com esse espaço específico, "identificar-se é um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social" (HAESBAERT, 1999, p.174). O processo de identificação gera, como consequência, a diferenciação do outro. A partir do momento em que há o processo de identificação com algo, torna-se evidente o que é contrário aquela identificação, o que é diferente. Por outro lado, a identificação com algo específico não é, necessariamente, excludente a outras formas de identificação. Dentro do Balaio Café existem inúmeras formas de

identificação. Há os que se identifiquem com o espaço como restaurante; com o ativismo político; com a música, em vários níveis pela diversidade apresentada; com a público gay, lésbico, transexuais e suas variações de sexo e gênero; pelo samba e os frequentadores negro (em grande parte) de terreiros de religião afrodescendente; e há também os que se identificam não por uma característica específica do lugar, mas com o Balaio em si, por ter a característica de ser diverso e plural.

[território é] campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade, ou “comunidade”, os insiders) e os outros (os de fora, os estranhos, os outsiders). (SOUZA, 2000, p. 86)

Distinguir-se é uma necessidade de o sujeito se diferenciar uns dos outros. Essa diferenciação se dá em dimensões internas e externas e pode ser identificada no Balaio Café. Com a diversidade cultural da casa, o Balaio agrega diferentes grupos e diferentes identidades em seu espaço, que convivem de forma harmônica, mas se diferenciam entre si. Dessa forma, o Balaio pode ser pensado não só como um território, mas como vários territórios dentro de um mesmo espaço.

O Balaio Café é um espaço social comum e também se diferencia como grupo ou comunidade daqueles que são “os de fora”. Dessa forma, a casa pode ser vista como um território para essa comunidade. A relação estabelecida com o que está de fora gera o que chamamos de territorialidade um “fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esfera de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem” (SOJA, 1971) e que é, segundo o autor, composta de três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade, compartimentação da interação humana do espaço.

Dentro de um território a relação de alteridade e de visão do outro faz com que o sujeito se identifique com o espaço e com outros sujeitos. Ele busca afirmação pelos que o distingue, e estabelece relações com seus iguais, assim identificados, e também se relaciona, de outra forma, com os que são diferente. Muito vezes essa distinção pode encontrar lugar no território e, dessa forma, ser afirmada e legitimada.

Muitas vezes território é de forma limitada associado a ideia de proporções maiores e mais concretas, assim como é o caso do Estado Nacional, porém nos atenta Souza (2000):

No entanto, ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países membros da Organização do Tratado Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também poder ter existência periódica, cíclica. (SOUZA, 2000, p. 81)

Essa relação está ligada à influência da Geografia Política que muitas vezes usa e se apropria do termo. O Balaio Café, em escala menor, não deixa de ser território por sua proporção, tamanho ou localização. Raffestin (1993) ao tratar do que é território se atenta a não nos limitarmos ao território concreto. O território tem uma dimensão simbólica, que possui uma carga afetiva e sentimentos identitários do sujeito com aquele espaço. Aspectos materiais e imateriais, associados ao território, são complementares e associativos, e não excludentes.

Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz uso de fronteiras territoriais para se fortalecer). (HAESBAERT, 1999, p.171)

Dessa forma, o Balaio pode ser visto como território simbólico, espaço com grande carga afetiva promovida pelas identidades que com ele se relacionam. É essa significação que constitui a identidade dos sujeitos como indivíduos, e como parte de uma “comunidade”, e também de um território. Antes de relacionar o território e identidade é preciso entender o que é identidade. Para Castells (1999), identidade é fonte de significado e experiência de um povo, é algo que pode ser construído e pode ser de caráter individual ou coletivo. O conceito de identidade é

trabalhado por áreas da sociologia e da antropologia, seu estudo é recente e em grande parte é associado ao contexto atual que vivemos de pós-modernidade. Hall (2006) afirma, em seu livro que relaciona identidade e pós-modernidade, que a identidade antes vista como algo fixo, em um indivíduo totalmente unificado é hoje fragmentada no sujeito pós-moderno; e que as identificações estão sendo constantemente deslocadas em um sociedade de mudança constante, rápida e permanente.

Visto de forma positiva, Hall (2006) fala da possibilidade da criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. Pensando dessa forma, além de identificar a variedade de identidades que frequentam o Balaio Café, poderíamos pensar em uma identidade “do Balaio”. “A identidade não se restringe à questão: ‘quem nós somos’, mas também ‘em quem nós podemos nos tornar’.” (CRUZ, 2007, p.15). Nesse sentido, o Balaio e sua diversidade cultural, política e social pode criar uma identidade própria da casa. Essa identidade parte de um pressuposto de tolerância à diversidade, e aceita *a priori* as diferenças que muitas vezes sofrem preconceitos e discriminações. Esse fator de diversidade cultural é importante na identidade do Balaio. Assim como a identidade, e também o mundo moderno de Hall:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que correm dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2006, p.101)

Uma questão primordial para este trabalho é entender as ligações afetivas e de identidade entre um grupo (ou vários) e seu espaço. Segundo Cruz (2007), os espaços de representação tem uma dimensão afetiva porque ele contém os lugares da paixão e da ação, e é essencialmente qualitativo, relacional, diferencial. A inclusão da personalidade individual em uma coletividade em que se experimenta

um sentimento de lealdade é chamada de pertencimento social. Esse status de pertencimento segundo Gimenez (2009) é fundamentalmente ligado à dimensão simbólica-cultural das relações e inter-relações sociais.

Quanto ao território, voltando as suas características, pode vir a ser flexível.

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaço concretos (os quais são apenas substratos materiais das territorialidades), podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (...), ser antes instáveis que estáveis, ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (SOUZA, 200, p. 87)

Nesse sentido, pode-se definir o Balaio Café como território de caráter cíclico, com temporalidade definida, mas não restritiva. A casa alterna uso diurno e noturno do mesmo espaço, assim como a alternância das noites durante a semana, e congrega diferentes relações sociais e identitárias. As identidades que transitam nesse espaço não são necessariamente fixas, mesmo porque essa não é uma característica da identidade pós moderna em si, e podem ter caráter múltiplo.

O território pode veicular poderes simbólicos de múltiplas faces, ora reforçando a segregação, ora viabilizando uma dinâmica de convívio ou de ativação de múltiplas identidades. Eis aí uma armadilha e uma poderosa fonte de liberdade. (HAESBAERT, 1999, p.187)

Compartilhar o mesmo espaço pode gerar ao sujeito conforto e a sensação de conhecer aquele lugar, por dividir e vivenciá-lo de maneiras diferentes, o que por sua vez pode dar ao mesmo sujeito a sensação de segurança. No Balaio podemos identificar identidades diferentes que ali encontram abrigo e se sentem representadas, o que muitas vezes não acontece em outros estabelecimentos. A possibilidade de perder esse espaço “é ser despido de um invólucro, que devido à familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo externo” (TUAN,

1980)¹⁹. Por essa relação muitos frequentadores dizem encontrar no Balaio um lar, e afirmam que o café é como uma casa para eles.

Os símbolos, imagens e aspectos culturais são na verdade, valores, talvez invisíveis, que os indivíduos materializam numa identidade incorporada aos processos cotidianos dando sentido de território, de pertença e de defesa dos valores, do território e da identidade. (LIMA, 2014, p.30)

Segundo Corrêa (2007), formas simbólicas espaciais são marcas identitárias que individualizam certa porção do espaço ou grupo humano. Essas formas simbólicas podem ser encontradas no Balaio Café, e são marcas das identidades que ali se manifestam e da identidade que ali se constrói.

O questionamento, quanto ao Balaio e as identidades, pode ser analisada de três formas. Como já foi dito, a casa agrega grande diversidade e como consequência podemos identificar nesse espaço um território de identidades, no qual essas diferentes identidades compartilham o mesmo lugar de pertencimento. Dessa forma identificamos uma multiterritorialidade, que faz do Balaio vários territórios em um mesmo espaço.

Verifica-se, também, com a realização do projeto, que o Balaio tem características agregadoras que o diferenciam do que não é “do Balaio”. Nesse caso, podemos pensar na construção de uma identidade do Balaio Café, e a casa como território sendo produtora de uma identidade territorial. A identidade territorial é relativa e ligada ao espaço no qual se constitui.

Identidades territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. (HAESBAERT, 1999, p.172)

¹⁹ TUAN, 1980 In: LIMA, Luana Nunes Matins de. Território e identidade na romaria Kalunga de Nossa Senhora Aparecida. UFG. Goiânia. GO. 2014.

Se pensarmos no Balaio Café e suas características, podemos identificar, como aconteceu durante a entrevista com a proprietária da casa, que elas são diretamente ligadas à personalidade e às ideologias defendidas por ela. O feminismo, questões de direitos humanos e minorias, as religiões e laicidade do território, o antipatriarcado, anticapitalismo entre outras são marcos e características cotidianas da Casa dos Prazeres. Na fala de alguns entrevistados, é citada a relação estrita entre a dona e a casa. Dessa forma a identidade pessoal de Jul Pagul influencia diretamente algumas das características identitárias do Balaio Café.

Trata-se não somente de defender um direito à diferença, cuja ênfase remonta aos movimentos ditos alternativos dos anos 60, mas também de resistir ao sem sentido de uma sociedade globalmente mercantilizada e onde tudo é possível de transformar-se em valor contábil, ou seja, onde a primazia das relações e dos valores sociais está vinculada à acumulação de capital. Paralelo a esta mercantilização, a identidade também pode ressurgir como uma forma, consciente ou não, de contraposição ao processo excludente engendrado pela globalização. (HAESBAERT, 1999, p.170)

5.2 Documentário

A Casa dos Prazeres é um filme classificado como documentário. Dentro da história do cinema, o gênero documentário sempre foi, de tempos em tempos, alvo de fortes discussões. Ele se relaciona primeiramente ao surgimento do cinema e aos irmãos Lumiere, e, dessa forma, se relaciona com a ideia de mostrar a verdade, de ser espelho da realidade.

Hoje, em uma concepção mais atual sobre o que é documentário, não são mais esses princípios que norteiam a difícil e mutável definição do gênero. Para Fernão Ramos (2008) os termos verdade, realidade e objetividade não caracterizam um documentário. O documentário se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si. Sendo o documentário a asserção de um ponto de vista e não pressupõe ser a realidade absoluta, o projeto Casa dos Prazeres não pretende apontar o que é verdade, mas a preposição de algo que se tem como verdade, ligada à liberdade autoral que se tem ao fazer um filme.

Não há um consenso para uma definição do que é documentário. Por mais que ele parta de premissa de uma representação do real, esse pressuposto não é suficiente para abranger suas especificidades. Há é uma tentativa, por parte de alguns acadêmicos, em definir aspectos que podem estar misturados ou destacados em um único filme. Nichols (2008) defende uma distinção entre seis tipos de documentários, a saber, sucintamente:

- a. O documentário expositivo, com lógica retórica ou argumentativa, preterindo a estética ou lirismo, discurso claro por vezes articulado por um narrador, propõe uma perspectiva, argumento ou reconta uma história. É muitas vezes associado a noticiários televisivos;
- b. O documentário poético, de aspecto artístico, subjetivo, sem necessidade de se ater ao tempo e espaço;
- c. O documentário observacional, que consiste na não interferência do realizador, da câmera invisível, tem inspiração no cinema-verdade de Jean Rouch;
- d. O documentário interativo, que é marcado pela destacada presença do realizador em campo, próximo ao assunto ou sujeito entrevistado, mesmo em quadro;
- e. O documentário reflexivo, que apresenta um engajamento com outros atores sociais, uma estruturação de discurso e muitas vezes uma reflexão social.
- f. O documentário performático, que é caracterizado pelo engajamento do realizador como espécie de grupo amostral de certa experiência ou contexto e usa sua experiência para mostrar os resultados.

É fato que esse projeto incorpora múltiplos aspectos. Pode-se dizer que, Casa dos Prazeres está entre um documentário reflexivo e um documentário performático. As falas de alguns entrevistados levam, e o uso delas foi escolhido por esse motivo, a uma reflexão social do momento que vivemos em Brasília, sobre a tolerância ao que é diferente e ao tratamento que se tem com a cultura na cidade. O grupo amostral de entrevistados, os frequentadores do Balaio Café e os clientes que tem alguma relação direta com a casa, estão localizados dentro de um contexto geográfico e simbólico da importância desse estabelecimento para sua vida, e de

certa forma, para a cidade em geral. Junto a isso, o projeto busca uma tentativa de mostrar resultados e respostas ao problema do projeto. Sobre documentário de reflexão, Guy Gauthier afirma que “a homogeneidade do discurso é assegurada, essencialmente, pela fala, comentário ou propósito gravado” (GAUTHIER, 2011, p.174).

A fala é o principal elemento que constitui a narrativa desse projeto. Dessa forma, o filme sobre o Balaio Café se constrói em cima da narrativa. “O documentário está localizado em sua forma narrativa e na sua indexação; não no conteúdo de verdade das afirmações” (RAMOS, 2008, p. 32).

A maior parte do documentário sobre o Balaio Café é baseado em entrevistas. “O sistema de entrevista simplifica a produção e baixa os seus custos” (LINS e MESQUITA, 2008), o que justifica, em parte, seu uso em um projeto universitário. Além disso, a intenção de basear o enredo em falas testemunhais valoriza a entrevista como espaço de abertura para mostrar a relação pessoal do entrevistado com a casa.

Além disso, faz-se importante lembrar que “para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme, e a do público” (NICHOLS, 2008, p. 93), o que se entrelaça e soma a história dos personagens. Dessa forma, pode-se inferir que não há uma única verdade, nem uma única versão de qualquer história.

O Balaio Café possui infinitas possibilidades para a sua abordagem, e foi preciso focar parte de tudo que se podia dizer ou relacionar a casa. “Particularização do enfoque; ao invés de almejar em grandes sínteses, análises ou interpretações de situações sociais mais amplas, os documentários buscam seus temas através de recorte mínimo, abordando experiências e expressões estritamente individuais” (LINS e MESQUITA, 2008). Dessa forma, foi deixado fora do projeto outras questões que tangem o Balaio Café e sua existência. Outros temas, considerados de grande importância e bastante abordados pelos entrevistados não entraram na edição do material ou aparecem de forma secundária. Entre os temas bastante citados, e que faz parte do contexto da casa, é, por exemplo, a perseguição à casa e a Lei do Silêncio.

Característica marcante dentro da história do documentário, a narração em *off*, ou a famosa “voz de Deus”, guia o fluxo da imagem e tem forte peso de verdade

absoluta. A voz do documentário é, com frequência, associada a voz da oratória, mas não se restringe a ela. “A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira de expressar um argumento ou uma perspectiva” (NICHOLS, 2008, p.73). A opção de não utilizar narração em *off* (já rejeitada em grande parte dos documentários atuais) não caracteriza um documentário “sem voz”, mas busca dar voz ao outro, propõe que o filme fale por si.

Metz (1972) defende que o cinema moderno, muitas vezes visto responsável pela morte da narração, é na verdade responsável por uma nova perspectiva de narração. “É estranho ouvir falar, e às vezes não sem insistência, de ‘definhamento da narração’, justamente no momento em que acaba de surgir uma nova geração de narradores cinematográficos” (METZ, 1972, p.216). A narrativa é, em sua origem, transmitir informação. A narração tem sequência temporal, início e fim, é um conjunto de acontecimentos. “No cinema, efetivamente, o espaço está sempre presente; inclusive na narração, já que a narração fílmica se realiza pela imagem” (METZ, 1972, p.32). Logo, o documentário e a narração não estão ligadas necessariamente a uma voz narrativa, que é exatamente o que acontece no documentário Casa dos Prazeres.

Sobre a relação entre imagem e narração, Jacques Aumont (1995) afirma que toda imagem representativa costuma ser narrativa, mesmo sendo o acontecimento contado de pouca amplitude. Essa imagem pode ser única (como uma fotografia, um desenho, pintura etc), ou na sequência de imagens (não apenas cinematográfica). “A narrativa inscreve-se tanto no espaço quanto no tempo, por conseguinte, toda imagem narrativa, e até toda imagem representativa, é marcada pelo ‘códigos’ da narratividade, antes mesmo que essa narratividade se manifeste eventualmente por uma seqüenciação” (AUMONT, 1995, p.247). E complementa Metz (1972) sobre essa relação que se estabelece entre imagem e narração, tão comentada e que é princípio no qual se baseia esse produto para justificar seu modelo narrativo: “Cada imagem, longe de equivaler a um monema ou mesmo a uma palavra, corresponde mais exatamente a um enunciado completo” (METZ, 1972, p. 39).

A imagem é base de todo filme, e no caso da Casa dos Prazeres, é elemento principal para se construir o documentário que, sem narração em *off*, precisa que a imagem tenha força narrativa suficiente para criar complementar a narrativa do filme. Há uma intensão do belo, por acreditar no poder da fotogenia do cinema e no prazer da imagem. Para Jacques Aumont (1995) “o prazer da imagem – entenda-se o prazer do espectador da imagem – é sem dúvida inseparável de um suposto prazer do criador da imagem” (AUMONT, 1995, p.313). A fotogenia deve ser adquirida, e depende do conceito de arte do cineasta, e nesse projeto se coloca como uma tentativa, dentro de um projeto experimental universitário.

Pensando esteticamente, em parte, a intenção desse documentário não seja a premissa de representação do real, mas sim uma tentativa artística. Talvez seja esse a objetivo maior do cinema, documental ou não, como infere Labaki (2006). “Assim como a câmera, o violino também parece um instrumento simples, o difícil é extrair real arte dele”²⁰.

²⁰ LEACOCK, Richard. In. LABAKI, Almir. Introdução ao documentário brasileiro. Francis. São Paulo. 2006

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A produção de um documentário pode ser dividida em 3 fases: pré-produção, o que é feito antes da filmagem; produção, que é o processo de filmagem em si; e pós-produção, o que é feito depois que terminam as filmagens²¹.

Essa divisão foi utilizada na realização do documentário Casa dos Prazeres. No caso deste projeto, as três fases de produção foram compostas das seguintes etapas. A pré-produção é a organização sistemática de preparação para a filmagem. No documentário sobre o Balaio Café essa fase englobou a pesquisa, o levantamento de dados e as entrevistas prévias. Também faz parte dessa fase a escolha e reunião de equipe (caso tenha), análise técnica e cronograma, e reuniões gerais de produção. Pode-se ter mais etapas, como escolha de elenco, caso seja preciso, no caso deste projeto etapa dispensada, pelo fato de utilizar personagens reais. Por se tratar de um documentário também compôs a pré-produção a busca de contatos e marcação de entrevistas.

A fase de produção é composta por captação de imagens e entrevistas. É preciso arrumar a locação, conferir e testar equipamento de filmagem, luz e som. Muitas vezes essa fase pode ser confundida com a própria ação de se “fazer cinema”, pois é efetivamente o começo das filmagens. A fase final da realização do documentário é chamada de pós-produção, fase que conta com desmontagem do set e finalização do filme. Na caso do projeto Casa dos Prazeres, consistiu em levar o filme para ilha de edição onde o documentário foi montado. Nesse processo se edita, se preciso, imagem e som. São feitos os cortes de cena e entrevistas, além da decupagem de todo o material. Não houve desmontagem de set por se tratar de um documentário locado no espaço físico do Balaio Café.

Também se encontra na última fase de realização do projeto a distribuição e exibição do produto. No caso do presente trabalho de conclusão de curso, essa parte de pós-produção entra nas expectativas para o futuro do trabalho. Ela pode ter um viés comercial, focado na venda para exibição do filme, ou se propor a concorrer festivais, ser exibido em cineclubes, viabilizado de forma online na internet de forma gratuita. As intenções para com o documentário Casa dos Prazeres é de que seja

²¹ Disponível em: <<http://labculturaviva.org/pontobrasil/materialdidatico/etapasdeproducao.pdf>>
Acesso em: 25 de maio de 2014.

exibido de forma livre e gratuita, de forma a conseguir maior abrangência possível em número de expectadores.

Todas as fases descritas foram seguidas e serão apresentadas abaixo de forma detalhada no diário de bordo do projeto.

6.1 Pesquisa

O Balaio existe há quase oito anos (a completá-los em agosto de 2014) e tem histórico de diversos eventos realizados na casa desde sua inauguração. Era importante mapear os tipos, estilos e identidades que compunham a programação da casa. Para isso, foi preciso uma coleta de dados. Ao procurar pelos responsáveis pela casa, constatei que não havia arquivo de imagem e/ou vídeo dos eventos que aconteceram no espaço. Também não havia qualquer tipo de catalogação desses eventos. O possível material existente estaria apenas com os realizadores e participantes de determinados eventos que fizeram algum tipo de registro pessoal. Encontrar esse material de arquivo seria um trabalho que demandaria muito tempo que eu não dispunha dentro do calendário proposto para a realização do projeto.

Para pesquisa, foram utilizados referências online como o site do Balaio Café²² que por mais que haja a tentativa de manter a atualização do calendário de programações, eventos, cardápio e outras informações sobre o casa, possui um déficit de informações atuais, além de pouca referência sobre a história do café ao longo desses anos de existência. Para suprir a demanda por atualizações sobre o espaço, até de forma mais interativa e abrangente, a equipe do Balaio Café utiliza diariamente a página do Facebook²³ com o nome do espaço. Na página os seguidores são informados sobre cardápio e programação cultural além de acontecimentos cotidianos e muitas vezes políticos que envolvem o Balaio.

Outros suportes e redes sociais online como Twitter²⁴, Canal no YouTube²⁵ e lista de e-mail são usados como meio de divulgação da casa. É possível encontrar vídeos de algumas das apresentações musicais no YouTube e receber a programação semanal do Cineclubes Jiló na Guela. Todos esses meios foram

²² Disponível em: <<http://balaiocafe.com.br/>>

²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/balaiocafe?fref=ts>>

²⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/balaiocafe>>

²⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/BalaioCafe>>

consultados e serviram para reconhecimento, aproximação e informação adicional para o trabalho.

A pesquisa também se desenvolveu de forma empírica com o acompanhamento semanal da programação do Balaio Café durante duas semanas corridas de segunda-feira a domingo. A proposta de acompanhar durante duas semanas foi prejudicada pelo fato de, na segunda semana de acompanhamento, ter sido os dias seguintes à multa e a autuação do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) que a casa recebeu pelo fato de ultrapassar os limites sonoros impostos pela Lei do Silêncio. Nessa segunda semana de acompanhamento (segunda semana do mês de maio) as atividades musicais foram suspensas. A programação diária seguiu atípica, evitando eventos musicais ou que se relacionassem de alguma forma com som alto. Para suprir shows de músicas ao vivo ou festas com música mecânica, foi realizada uma programação diferente da cotidiano do Balaio, com o intuito de movimentar a casa naquela semana.

A exemplo disso, a programação do cineclube que acontece frequentemente aos domingos foi estendida a quase todos os dias da semana, de terça a domingo, com diferentes gêneros filmes, que não os documentários normalmente exibidos. Também na quinta-feira dessa semana (08/05/2014), assim como prosseguiu nas seguintes, o samba que acontece semanalmente às quintas foi realizado sem divulgação e pontualmente das 21h às 00h em desobediência civil. Nesse primeiro dia de desobediência, por não ter ainda isolamento acústico, a proprietária da casa, Jul Pagul, foi alertada por amigos de uma possível batida policial que acabou não acontecendo naquele dia. Durante a noite houve apenas a visita de dois policiais que chegaram a entrar na casa durante o evento mas logo foram embora sem gerar nenhum desentendimento.

Dada a circunstância de falta de material para pesquisa, foram feitas entrevistas de reconhecimento prévias às entrevistas finais gravadas para o documentário. A pesquisa foi feita primeiramente com a dona do estabelecimento Jul Pagul e da produtora cultural e gerente, Patrícia Egito e Luana Ferreira, respectivamente. As entrevistas foram feitas pessoalmente e gravadas em áudio com a tentativa de levantar parte pouco da história do Balaio Café, dados sobre a casa como informação sobre o funcionamento, programação, quantidade de funcionários etc. A conversa possibilitou um maior conhecimento sobre a casa e seu

funcionamento além do seu posicionamento político, frequentadores, objetivos e características que davam identidade ao lugar. Essas entrevistas também levaram a nomes e contatos de possíveis entrevistados, apoiadores e projetos que tem alguma ligação com o Balaio para a próxima fase do trabalho que seriam as gravações.

Também de forma empírica, foram construídas relações de aproximação com os frequentadores e algumas pessoas do corpo de funcionários da casa, com os quais eu conversava sem muita pretensão sobre o que achavam do Balaio Café, como eles viam o espaço, se de alguma forma se identificavam com aquele lugar. Conversas também foram estabelecidas com amigos próximos que se identificavam com a casa e sempre frequentaram o café em diversos âmbitos como militância política, festas e mesmo como local para um café, um lanche ou um almoço. Esses contatos muitas vezes geraram novos contatos, estabelecendo uma rede, que foi importante para conseguir as entrevistas que foram gravadas no período de filmagem. Esses encontros também possibilitaram uma perspectiva diferente da que eu já tinha, pré-estabelecida a partir da minha convivência, sobre a forma de ver o Balaio Café e até uma abertura sobre as possibilidades de encarar aquele espaço.

6.2 Entrevistas

Com dificuldade de encontrar tanto dados como material de arquivo e memória sobre o Balaio Café, a opção escolhida foi a gravação de entrevistas que abordavam o entrevistado como uma pessoa que frequenta a casa com as suas impressões, afinidades e vivências naquele espaço. A escolha das pessoas a serem entrevistadas foi feita por achar nelas uma ligação mais direta com a casa como membros representantes dos diversos coletivos e grupos que ali se reúnem; artistas que tenham se apresentado, exposto ou tocado na casa; produtores de festas e eventos que já utilizaram o espaço do Balaio; além daqueles que possuíam um convívio mais interno com a casa, como é o caso do ex-garçom Vanderlei, a gerente Luana Ferreira, a produtora cultural Patrícia Egito, e a própria dona do Balaio Café, Jul Pagul. A intenção era a de uma abordagem testemunhal que, além de informações objetivas, me desse uma visão específico daquela pessoa sobre a casa, e a tentativa de apreender a relação subjetiva dela com aquele espaço.

A abordagem prévia à entrevista foi de forma direta: eu me apresentava, descrevia o projeto e propunha a gravação da entrevista. A maioria desses contatos foram feitos pelo Facebook. Poucas vezes houve o contato por telefone ou e-mail, mesmo porque quando chegava ao meu conhecimento um potencial entrevistado para o documentário, esse contato era passado pelo Facebook, e com o perfil da pessoa na rede social. Nos momentos em que esse contato por telefone ou e-mail aconteceu foi, predominantemente, com os entrevistados mais próximos e menos disponíveis como a dona Jul Pagul e a produtora cultural Patrícia Egito, ou pela distância, como foi o caso da artista plástica Camila Soato. Poucas foram as vezes em que foi preciso refazer contato para adicionar ou complementar algum dado ou informação pendente. Todas as entrevistas se deram no espaço físico do Balaio Café, ou em seus arredores como a Praça dos Prazeres ou o gramado ao fundo do bloco onde não há quadra ou prédio.

Foram entrevistados no período de três semanas e meia (22 dias) um total de 26 pessoas. A tentativa era englobar o máximo de estilos e representações que compusessem a diversidade de frequentadores e também a diversidade de identidades e segmentos que a casa abriga. Com isso, foram convidados a dar entrevista: músicos e musicistas de diferentes gêneros musicais, DJs, artista plástico, escritora, dançarina, performer, além de produtores culturais da cidade. Também foram chamadas pessoas que, mesmo com o depoimento focado na narrativa testemunhal, se vinculassem-se com algum coletivo ou grupo de trabalho e de minorias como foi o caso do Coturno de Vênus, Cia Revolucionária Triângulo Rosa, Marcha das Vadias, Capoeira Angola e Cineclube Jiló na Guela. Algumas pessoas pela própria diversidade se enquadravam em mais de um tipo de vínculo com a casa, sendo de toda forma direcionada a responder a entrevista de forma mais pessoal.

Entre a produção, fomentação e divulgação cultural realizada na Balaio, o carro chefe da casa é a música. Dentro desse segmento foram entrevistados DJs, produtores culturais e de eventos, músicos e musicistas. Khalil Santarém é músico, frequenta o Balaio desde a época de escola e ajudou a criar o grupo e samba Filhos de Dona Maria. Além da representação musical de religiões afrodescendentes brasileiras, o grupo afirma a identidade negra e se posiciona quanto ao racismo e aos direitos humanos em geral como pode ser visto na página no Facebook da

banda²⁶. Outro grupo musical importante, que se formou na casa, é o bloco de carnaval Essa boquinha eu já beijei, lançado em 2014. O bloco é composto somente de mulheres e fez seu lançamento no Balaio Café. Foram entrevistadas as oito componentes do grupo Fernanda Jacob, Irene Aguiar, Letícia Fialho, Mariana Sardinha, Marta Priscila, Nathalia Lima, Selom Defor e Yara Alvarenga.

Uma das festas mais famosas e que mais chamou público no Balaio Café é a antiga Toranja, gratuita às quartas-feiras que lotava a casa. DJs da produção e convidados que tocavam rock, *indie* e outros estilos alternativos de música mecânica. Ivan Bicudo foi um dos produtores e DJs que fazia a festa no Balaio e acompanhou todo o processo, do início ao fim. Patrícia Egito, conhecida como Pati Merenda, além de ser a produtora cultural da casa é DJ, participa de diversas festas e eventos na casa nos quais organiza e também toca. Seu *set list* mistura de tudo passando entre o funk, samba, rap, MPB carimbó e maracatu, tradicionais ritmos brasileiros até chegar em vertentes variadas da música internacional. Sua mistura musical já é conhecida entre os frequentadores como “a cara do Balaio”, e possui entre as músicas que estão sempre em seu repertório alguns “hinos” do Balaio que são tocados e identificados rapidamente com esse simbolismo.

Entre os entrevistados, pessoas que trouxeram de fora festas para dentro do Balaio falaram sobre a casa. Clarissa Gomes, conhecida como Tava, é publicitária e uma das componentes do grupo Sapa Bonde. Também trabalha com festa e eventos na cidade, entre elas a Dyke-se. A festa que começou no Balaio tem público feminino lésbico como alvo, mas não por completo como o próprio nome já faz inferência. O termo *dyke* é uma palavra usada no inglês para denominar mulheres lésbicas. O “aportuguesado” do nome com o pronome *-se* prega a auto afirmação feminina e lésbica. Philippe Mello, conhecido como Nagô, é fotógrafo, DJ e designer, além de trabalhar com festas e eventos em Brasília. Além de tocar na casa, produz festas com estilos que variam do forró à música africana. Desenvolve projetos musicais dentro e fora da casa e tem uma pesquisa extensa dentro da área musical.

Relacionado ao ativismo político da casa e à abertura do espaço às diversas formas de militância que prezem pelos direitos humanos, liberdade, justiça e diversidade entre outros, foram convidadas pessoas que tivessem vínculo a algum grupo, associação ou coletivo nos quais se relacionassem de alguma forma com o

²⁶ <https://www.facebook.com/FilhosDeDonaMaria>

Balaio Café. Essas relações são das mais diversas desde apoio direto à casa, colaboradores, ou mesmo que usem o espaço como local de reunião, debates, oficinas ou até festas e eventos.

As entrevistas contam com um recorte de alguns desses grupos. Melissa Navarro é professora e milita na Coturno de Vênus, organização lésbica, feminista, não-governamental, sem fins lucrativos, disposta a combater todas as formas de discriminação, seja racista, lesbofóbica, especista, machista, culturalista, com enfoque nas questões de orientação sexual, gênero e raça/etnias, como se descreve em sua página na internet²⁷. Tatiana Lionço é membro da Cia Revolucionária Triângulo Rosa que nasceu com a caráter de se diferenciar e, de certa forma, como crítica ao movimento LGBTT *mainstream*. Sua reuniões acontecem sempre no Balaio Café, por não terem espaço físico. A Cia foi apontada em processo do ex-sócio como uma das atividades que comprometia os interesses comerciais da casa por acontecer no espaço do Balaio Café. Guايا Monteiro é ativista no movimento feminista, entre outros, e é membro representante da Marcha das Vadias DF. O movimento que tem dimensões internacionais luta pela igualdade, direitos das mulheres e com o tempo foi ganhando mais perspectivas e abrangendo maior áreas de atuação e debate. O movimento já fez reuniões, festas e oficinas no Balaio Café, principalmente em momentos pré e pós marcha.

Marcelo Almeida, conhecido com Galo, é militante, ativista, arquiteto e frequentador da casa. Já fez projetos de ambientes para a dona da casa (da antiga sociedade). Participa também da Cia Revolucionária Triângulo Rosa, já fez apresentações com personagem de Drag Queen que tinha a alguns anos. Sua fala, por mais que carregada de ativismo político, não foi direcionada à representação de nenhum grupo específico. As perguntas são direcionadas ao Galo cliente, frequentador da casa e suas vivências.

Nas entrevistas também foram contemplados outros seguimentos artísticos culturais que a casa promove, como literatura, artes visuais, teatro e dança por exemplo. As escolhas dos entrevistados deram-se pela contato prévio, indicação de alguém da equipe do Balaio Café, e até em razão da programação que estava acontecendo durante os dias de gravação. Assim foi o caso da estudante e professora de dança Gabriela Ribeiro que foi entrevistada. Em função do dia da

²⁷ <http://coturnodevenus.blogspot.com.br/>

dança (29 de abril), alguns dançarinos, professores e estudantes se encontraram no Balaio para dançar e comemorar a data. A celebração aconteceu na parte interna do piso térreo de forma espontânea, enquanto do lado de fora clientes tomavam um café ou uma cerveja no início de noite daquela terça-feira.

Camila Soato é artista plástica de Brasília e atualmente reside em São Paulo, capital. Seus quadros com temática feminista estão expostos no Balaio. O lançamento da exposição foi à distância, quando ela já havia se mudado, junto com a exposição de obras de outras artistas. Na ocasião, durante as gravações, soube que a artista estaria na cidade na semana seguinte à proposta no cronograma para as filmagens. Pela oportunidade, estendi o prazo das gravações para poder fazer a entrevista, um dos motivos que atrasou e diminuiu o tempo de pós-produção.

Clara Averbuck é escritora, paulista e estava na cidade para um encontro com feministas do Brasil inteiro que estava sendo realizada no Balaio Café durante a minha semana de filmagem. Com a vinda à cidade, a escritora aproveitou para fazer o lançamento de seu sexto livro “Eu quero ser eu”. Sem programação prévia, a entrevista foi realizada no Balaio durante o lançamento do livro.

Vanderlei Costa é artista da cidade, trabalha com performance, teatro e vídeo. Foi garçom fixo do Balaio Café, e hoje faz apenas trabalhos *freelancer* na área. Além do ponto de vista artístico, a entrevista traz um pouco da relação interna que teve ao trabalhar na casa.

As expressões culturais não se restringem à arte em sua maneira mais tradicional como, por exemplo, pintura e escultura. Acreditando nisso, foi gravada a entrevista com Rubens Bezerra, o Formiguinha, mestre de capoeira criado em Salvador e residente em Brasília. A capoeira angola que não se restringe apenas a aprender a forma da se jogar capoeira, mas se estende à forma de se viver e se relacionar. O projeto se desenvolve no Balaio a cerca de 6 anos e é tido como de grande importância para casa e para a proprietária, que já foi praticante. Mais que um esporte, é uma representação cultural tradicional brasileira e é, de certa forma, vista pelos participante e pelo mestre como uma escola.

Outro projeto que não poderia ser deixado de lado é o Cineclube. Ideia inicial do Balaio, “ter um café que tenha cinema” era sonho da proprietária Jul Pagul. A casa desde seu início tem projetos voltados para projeção e debate de filmes. O atual cineclube que realiza esse trabalho é o Jiló na Guela que está sempre aos

domingos fazendo exposições que não se restringem a apenas “passar o filme” somando com debates, conversas com os diretores e a tentativa de trazer assuntos de interesse nacional, global, com temática atual. Para ter o relato dos organizadores do projeto, que são ao todo seis pessoas, dois dos responsáveis deram a entrevista, Leandro Safatle e Vitor Luis Sarno.

Dentro da equipe que forma o corpo de trabalho do Balaio Café, são 30 funcionários desde garçom, caixa, cozinheira, faxineira. Para compor o documentário, além do ex-garçom Vanderlei, foram entrevistadas gerente e produtora cultural. Além da vivência diária com a casa, as duas funcionárias têm uma visão política e ideológica de afinidade com a proprietária, o que aumenta ainda mais essa relação proximidade. Ambas são militantes e ativistas. As duas já conheciam e frequentavam a casa antes de efetivar a relação de trabalho, o que já supõe uma identificação com o Balaio Café como lugar que remete a esses interesses e abraça suas bandeiras e lutas.

Patrícia Egito, ou Pati Merenda, seu nome artístico, é produtora cultural da casa e DJ. Começou com o trabalho no Balaio com a cozinha, por trabalhar com quitutes e confeitaria, e acabou indo para a parte de organização cultural da casa. Luana Ferreira é gerente. Começou a desenvolver junto com outras meninas um vídeo, como ela descreveu, para a descriminalização do Balaio e dentro das circunstâncias que casa passava naquele momento acabou sendo convidada para trabalhar na gerência do espaço junto à proprietária do estabelecimento.

Como uma visão diferenciada da casa pela proximidade e trabalho exercido, a contribuição, além das entrevistas das duas, foi fundamental para entender melhor tanto o funcionamento da casa quanto o sentimento que move o trabalho que acontece dentro do estabelecimento. Dessa forma, a entrevista dirigida as duas foi encabeçada de forma alternativa às demais, com perguntas diferentes do questionário básico. No geral, as entrevistas eram semiestruturadas, as perguntas aos entrevistados seguiam uma lista pré-estabelecida que, baseada nas respostas, se moldavam ao seguimento que a pessoa representava (por exemplo, movimento social ou musical) e ao caminho natural que muitas vezes a entrevista acaba levando. No caso das duas, perguntas mais íntimas e mais específicas sobre a casa foram feitas na tentativa de entender melhor o que era em si, e para elas, o Balaio Café.

O estabelecimento, que é objeto deste trabalho, é propriedade exclusiva de Juliana Andrade, ou como segue sendo citada (e é sempre chamada) Jul Pagul. Entre os entrevistados, era a pessoa mais importante para falar sobre a casa. Jornalista de formação, ativista e militante dos direitos humanos, abriu quase oito anos atrás (agosto de 2006) o Balaio Café. Para ela, balaio no sentido de cesto, que cabe de tudo, onde várias coisas se juntam dentro. Balaio em referência à revolta popular ocorrida no Maranhão entre 1838 e 1841, na qual seu líder era chamado pelo nome de Balaio, e também assim ficaram conhecidos aqueles que lutaram na Balaiada. Jul vem de uma família com tradição no trabalho em restaurantes e estabelecimentos que mexam, de alguma forma, com alimentação. Desde criança, ajudou a família e trouxe consigo o aprendizado desse ramo de trabalho. Com forte influência do feminismo em sua vida, tenta ao máximo trazer o que acredita e defende para dentro da gestão do estabelecimento. A exemplo do que ela mesmo diz, a forma matriarcal de relação de poder, a tentativa de equiparar e valorizar a mulher e a figura feminina no local de trabalho. Toda essa carga ideológica é presente e visível na casa, em seu discurso diário, assim como nas festas, eventos e temática de projetos desenvolvidos.

Com a entrevista, além da visão prévia que já tinha de sua pessoa, foi possível identificar quase toda sua história de vida refletida diretamente na história da casa. Momentos de conflitos e momentos de celebração compartilham da vida pessoal da Jul assim como da história da casa. Eventos em resposta a ataques de violência e projetos que correspondem a sonhos pessoais são elos de ligação direta entre a pessoa dela e o café. Para muitos entrevistados o Balaio é a casa da Jul, é o espelho de sua personalidade e de seus valores. O Balaio Café de certa forma pode ser visto como a 'especialização' da sua pessoa, é a Jul refletida em um espaço físico. Essa relação reflexiva entre a dona e seu estabelecimento dá a sua entrevista um proporção maior a importância de sua fala. Dessa forma, a entrevista da Jul Pagul se fez fundamental para construir uma percepção do que é o Balaio e o porquê de diversas características, muitas vezes marcantes para quem venha a conhecer a casa.

A entrevista com a Jul foi a última a ser marcada e feita, até mesmo para ter uma dimensão maior do que é o Balaio Café através e depois das entrevistas já realizadas antes da dela. Foi também a entrevista mais elaborada, longa e

diferenciada em questão de abordagem. Mesmo fazendo perguntas diretas e específicas, as respostas sempre levavam para um lado pessoal e muitas vezes emocional. As respostas englobavam sentimentos, estados de ânimo, sonhos e desejos tanto passados da época inicial do Balaio, quanto do presente momento e do contexto que a casa tem vivido, assim como ela, e também dos seus anseios para o futuro. Mesmo sem uma abordagem de reflexão, a própria dona do café fez, ao longo da entrevista, avaliações de seu comportamento, de erros cometidos, da tentativa de melhorar em alguns aspectos, da gratidão pelas coisas que aconteceram durante esse tempo e de desejos e sonhos ainda não realizados.

Por ter esse peso maior que os outros entrevistados, a ideia era de entrelaçar as outras entrevistas nas falas da entrevista da Jul. As respostas serviriam de fio narrativo para guiar as outras entrevistas dentro da temática das perguntas que foram feitas relativamente padronizadas aos outros entrevistados, como por exemplo: por que vir ao Balaio, de que forma se identifica com o espaço, qual a importância cultural da casa para a cidade, qual é o público do café, como definiria o Balaio etc. Seria assim base para a montagem do roteiro e da estrutura narrativa do projeto.

6.3 Captação

A captação de imagem foi realizada de duas formas 1) As entrevistas gravadas, em sua maioria locadas no próprio Balaio Café. Foram convidadas pessoas que de alguma forma se relacionavam ao estabelecimento. Apoiadores, produtores culturais, músicos, DJs, artistas, frequentadores etc. Também foram entrevistadas pessoas que se relacionam mais diretamente com a casa, como a gerente, produtora cultural, antigo garçom e a dona do espaço. 2) As imagens de preenchimento que servem para compor e ilustrar o vídeo. Essas imagens foram feitas nos espaços da Balaio Café com a intenção de descrever o lugar. Cenas do cotidiano, do restaurante, e dos detalhes. Os detalhes, como os objetos da prateleira, os quadros, as paredes, as mesas e suas flores, a balança, a maquina de café, dão, além de informação descritiva, informação simbólica para esse território. Gravuras de São Jorge, tapeçaria de deuses indianos, bonecos tradicionais do nordeste do Brasil, são exemplos de objetos que representam

culturas diferentes, de várias regiões brasileiras e lugares do mundo. Esses detalhes aparecem na tentativa de mostrar a diversidade do Balaio Café que é evidente no espaço físico da casa.

A maioria das imagens foram feitas aproveitando o tempo antes ou depois das entrevistas. Esse movimento de estar sempre presente na casa durante a realização do projeto permitiu o aproveitamento do acaso. Muitas vezes eventos pequenos, ou direcionados a um público específico como os funcionários da casa, ou um grupo de amigos, aconteciam sem serem divulgados. Momentos como esses não previstos puderam ser aproveitados e documentados. Também houve captação de imagens pensadas durante o processo ou posteriormente que exigiram uma saída específica para a gravação como foi o caso, por exemplo, o nascer do sol, cenas da casa fechada, as mesas vazias de manhã cedo quando não havia movimento entre outras.

Algumas das imagens foram pensadas antes, com base no roteiro inicial, imagens imaginadas a partir do meu próprio conhecimento da casa e de seus espaços. Outra parte das imagens foram feitas no decorrer da semana que as gravações das entrevistas foram acontecendo, e iam surgindo como forma de preencher as falas dos entrevistados. Mesmo frequentando a casa já a um tempo, percebi coisas que nunca antes haviam chamado minha atenção. Objetos e detalhes que algumas vezes passam despercebidos e carregam grande simbolismo. Intervenções novas também apareciam no decorrer das filmagens, o que provava a dinamicidade da casa. Também houve cenas que só foram pensadas depois de alguma fala específica de uma entrevista ou outra que me trazia à mente uma nova ideia de imagem para compor o produto.

As imagens, em sua grande maioria, foram pensadas e planejadas com antecedência, com exceção do evento do Dia do Trabalhador (1^o de Maio), no qual foi feito o batismo da praça da quadra nomeando-a como Praça dos Prazeres. O evento com roda de samba na praça tomou grandes proporções de festejo e de aglomeração de gente. Mostrou a potencialidade do espaço em agregar pessoas, e possibilitou imagens importantes para conseguir mostrar esse lado festivo e agregador da casa. Da mesma forma se fez o carnaval, mas que diante das datas de filmagem e sem material de arquivo em qualidade suficiente, não foi possível ser registrado no projeto.

Com o funcionamento da casa nos dois turnos, diurno e noturno, a gravação também se deu nos dois períodos. A maioria das entrevistas foram feitas à luz do dia e poucas foram realizadas à noite. No caso das gravações à noite, o ambiente escolhido foi interno para aproveitamento da luz do espaço já que não havia equipamento de luz na produção do projeto. Foi usado para as entrevistas microfone externo, enquanto as gravações do espaço foram feitas com o uso do microfone interno já embutido no corpo da câmera. Todos os depoimentos foram feitos sentados por preferência do entrevistado, e muitas vezes por comodidade para a gravação. As imagens das entrevistas foram filmadas com câmera fixa no tripé. Em caso de acompanhamento de equipe, uma segunda câmera foi utilizada para uma mudança de ângulo e enquadramento, ou mesmo um plano mais detalhe da pessoa entrevistada. As imagens do Balaio Café foram feitos quase em sua totalidade com a câmera na mão.

6.4 Edição

A edição e montagem do material foram realizadas em prazo curto, porém hábil. O tempo pré-determinado para essa parte do projeto foi prejudicado devido ao atraso e às remarcações das entrevistas, e ao final acabou sendo menor do que o planejado. Com todo material captado, a decupagem foi fundamental para a montagem do vídeo. Toda a trama narrativa se baseia no depoimento dos entrevistados. As falas são fio condutor da linha que segura o enredo baseado na fala principal da dona do Balaio Café, Jul Pagul.

O aperfeiçoamento do roteiro inicial se deu com a realização das entrevistas e com o processo de decupagem concluído. Mesmo com um roteiro pré-definido, baseado nas perguntas que foram feitas aos entrevistados, ele se fundava em um modelo hipotético de respostas. Com as respostas definitivas das entrevistas foi possível articular uma narrativa fechada às falas de cada pessoa. Na pós-produção, o tratamento de áudio e de imagem foi possível e alcançado pelo trabalho do editor de vídeo Alesson Campos. Toda a parte de tratamento posterior a filmagem foi acompanhado de perto para, assim, atingir o objetivo desejado.

6.5 Finalização do Projeto

O projeto foi finalizado em tempo hábil e com grandes expectativas. A duração do documentário foi estendida se comparada ao que tinha se pensado inicialmente. As entrevistas, em tamanho e quantidade, superaram o imaginado e me surpreenderam quanto ao conteúdo das falas. Com o tempo superior ao estimado, o projeto contemplou como desejado, proposta de mostrar identidades dentro do território do Balaio Café.

No que diz respeito a viabilidade financeira, pelo fato de me interessar por fotografia e cinema, já tinha o equipamento básico necessário para a realização do projeto, o que foi um facilitador. O projeto, por ser independente e experimental, não recebeu apoio ou patrocínio e não conta com nenhuma imposição institucional ou do estabelecimento. É um produto digital, que além da mídia física pode ser disponibilizado na internet. O projeto também pode ser lançado em cineclubes da cidade, como do próprio Balaio Café, o Jiló na Guela. Bem executado, pode vir a concorrer festivais universitários, e de cinema em geral em todo o país e na própria Capital Federal.

6.6 Dificuldades

Todo e qualquer projeto tem suas dificuldades de realização. Algumas já são imagináveis, outras surgem durante o percurso de realização, e algumas chegam a passar despercebidas em um primeiro momento, e só serão identificados futuramente com o passar do tempo e uma avaliação futura. De início, um projeto final de conclusão de curso, sem verba, é uma dificuldade que se torna maior quando a escolha do projeto final é um produto que demanda *a priori* mais recursos financeiros para a realização que uma monografia tradicional. Algumas dificuldades já eram imaginadas, e por vezes acabou sendo pior do que o esperado, como a falta de equipe para a realização do filme. Outras dificuldades, e em sua maioria, surgiram no decorrer das gravações, como, por exemplo, desmarcação de entrevistas, ruídos no áudio, perda de imagem.

De início, a primeira dificuldade foi encontrada durante a pesquisa com a ausência de material de arquivo do Balaio Café. Também não havia dados exatos

sobre datas e eventos e informações catalogadas sobre apoiadores e projetos. Essa lacuna levou a um relato baseado em aproximações e uso de termos não tão precisos (durante aquele ano, naquele mês, naquela época, alguns anos atrás etc). A falta desse material também levou ao deslocamento do foco inicial do projeto. A ideia de um documentário sobre o Balaio veio com a proposta de levantar a memória dos seus anos de existência e mostrar com isso toda a diversidade cultural que foi desenvolvida nesses quase oito anos. A partir desse problema, o projeto foi direcionado ao momento presente, ao invés de focar a história e a memória da casa. O contexto atual de Lei do Silêncio, perseguição à casa, risco de fechamento, violência a frequentadores também deram peso à mudança de eixo do passado para o momento presente vivido no Balaio Café.

Quanto a equipamento, a própria faculdade disponibiliza câmera, microfone, luz, tripé e outros acessórios que podem ser necessários para filmagem. Por opção pessoal, preferi usar meu próprio equipamento (câmera DSLR T4i da Cânon, tripé e microfone externo *boom*). Isso me facilitou na maleabilidade da marcação das entrevistas, que dependiam praticamente apenas do tempo e horário do entrevistado. Não teria o risco, com meu próprio equipamento, de marcar desmarcar ou perder uma entrevista por falta de disponibilidade de equipamento. A câmera com cartão SD ao invés de fita MDV, como são as câmeras da faculdade, também trouxe economia com gastos adicionais na compra de fitas. Por outro lado, o cartão me trouxe a dificuldade de lidar com a quantidade de filmagens feitas, e catalogá-las e organizá-las depois das filmagens. O equipamento limitado também trouxe dificuldade em lidar com as imagens feitas à noite. Nesse caso, eu não possuía equipamento de luz para a gravação. As imagens, à noite, foram feitas com a luz disponível externamente na rua ou no Balaio. As entrevistas realizadas à noite foram feitas dentro do espaço do Balaio, para assim garantir o mínimo de luz que já tinha o ambiente. Nesse caso foi priorizado o uso do espaço do andar de cima que possuía maior iluminação e controle de luz, além de ser mais silencioso considerando que as pessoas se concentram, durante a noite, nas mesas externas do espaço térreo.

A realização das entrevistas foi de modo geral tranquila, com exceção de alguns casos que tiveram de ser remarcados por conta de imprevistos por parte do entrevistado. Entre os entrevistados, a mais problemática foi a própria dono do café,

Jul Pagul. A entrevista foi remarcada duas vezes até ser gravada. No dia da gravação, a questão das atividades que estavam acontecendo no local fizeram que que mudássemos de espaço e a filmagem ficou fragmentada em dois ambientes, o que diferenciou cor e áudio, pois saímos de um ambiente interno de luz quente para um ambiente externo, com luz fria. Depois da gravação já decupada, quando adicionada ao projeto em edição, foi constatado pelo editor um ruído do microfone em alguns momentos e, em relação às outras entrevistas, uma fala mais baixa que destoava do produto total.

Foi aconselhado então, para manter um padrão no vídeo, que refizesse novamente a gravação com a Jul. O material todo já estava na ilha de edição e com processo de montagem adiantado. A segunda entrevista foi marcada e remarcada duas vezes até que foi possível ser feita. O prazo para as gravações já estava ultrapassado a mais de duas semanas, e com uma viagem da proprietária para fora de Brasília, só foi possível regravar na primeira semana de junho. Como era de se esperar, as falas eram diferentes, algumas melhores, outras incompletas se comparadas com a primeira entrevista. De certa forma não quis me posicionar pedindo para que ela repetisse ou falasse certa coisa. Minha intenção era deixar as falas o mais livre possível da minha interferência. A entrevista foi feita com as mesmas perguntas da primeira e direcionada em casos de temas que ela havia citado na primeira gravação, como por exemplo, quando propus que ela falasse (novamente) sobre a história de que ela havia recebido uma mensagem dos santos (referentes a sua religião de matriz afro) o dizer de que o Balaio era o seu terreiro e, sua missão cuidar dele. Mesmo me organizando para ter ajuda de um amigo na gravação, para garantir não haver erros, a demora da entrevistada fez com que ao final ficasse novamente (como havia sido da primeira vez) sozinha para fazer a filmagem e a entrevista.

A finalização em tempo hábil foi outro problema que demandou energia e esforços a mais do que o esperado. Toda as remarcações de entrevista e a regravação da entrevista principal, além da perda de tempo, desencadeou mais atividades para serem feitas, como decupagem, descarregamento de material, em um tempo mais curto. A edição só podia ser feita depois das 18h, em horário fora de expediente, já que utilizamos o espaço físico e equipamento da empresa onde o

editor trabalhava. Porém o desgaste não foi impedimento à finalização do processo de edição e montagem do projeto.

Entre todas as dificuldades apontadas, a maior delas foi a falta de equipe para realização do projeto. A falta de alguém (possível colega para se graduar compartilhando o mesmo projeto, por exemplo) foi sentida durante todo o processo, em todas as suas fases. A execução de um documentário, mesmo de curta duração, é algo trabalhoso que só fui me dar conta durante o andamento do processo.

A demanda de trabalho em uma filmagem sem equipe específica, ou mesmo alguém para acompanhar e auxiliar, foi perceptível, e de certa forma prejudicial para conseguir garantir imagem, enquadramento, som, foco de qualidade, entre outros detalhes técnicos. Problemas como a mudança de cor na gravação de uma entrevista filmada a luz do dia em final de tarde, que acaba perdendo luz com o pôr-do-sol e deixando uma grande diferença de cor e de claridade nas imagens. A falta de alguém próximo à câmera para garantir o foco da pessoa que durante a realização da entrevista pode se mover e, algumas vezes, sai da zona focal feita previamente. Isso também ocorre com a movimentação da pessoa dentro de quadro que pode prejudicar o enquadramento, ou gerar cortes. O áudio, mesmo sendo testado antes, pode sofrer danos na captação, nesse caso seria fundamental um auxílio técnico específico.

Três casos aconteceram, julgo eu, pela falta de equipe que poderia ter feito com que não viessem a acontecer ou amenizado os danos. A primeira foi a entrevista do Marcelo Galo, que além de perder luz de fim de tarde (assim como a do Ivan Bicudo) não gravou o final por estar com o cartão cheio. A distância da câmera enquanto filmava não permitiu que eu visse isso em tempo de pausar e recomeçar. Ao final pedi que repetisse as três últimas perguntas que eram mais relevantes. O mesmo aconteceu com o final da entrevista da Tati Lionço, que perdeu parte da resposta a pergunta final. No caso, pedi desculpas e que repetisse a última resposta. A entrevista da Jul, mais importante para o trabalho, ficou com ruídos do microfone no áudio e a voz baixa se comparada às outras entrevistas. Na segunda filmagem, a câmera ficou com o cartão cheio. Por sorte, estava com duas câmeras, e consegui filmar o resto da entrevista no outro equipamento.

Receios de cartão de memória cheio, falta de bateria, além dos outros problemas enfrentados já citados antes, são todos problemas de fácil solução. Um cuidado maior e prévio à gravação resolveria. Mas quando não se tem equipe, todas as tarefas ficam a encargo de uma única pessoa. Ao final, até as pequenas tarefas e detalhes simples acabam, em algum momento, sendo esquecidos ou passam despercebidos gerando dificuldades das mais diversas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição de que o Balaio Café é um território foi alcançada teoricamente e na própria realização do filme. Por meio das entrevistas, foi possível mostrar o Balaio como espaço que sofre a ação humana e se estabelece por intermédio de diversas relações que se criam entre os sujeitos. Esses sujeitos, dos mais diversos, se identificam com a casa, cada um a seu modo, e de maneira geral pela diversidade, que permite esse encontro de identidades num mesmo espaço.

Foi possível mostrar que além de ser território, o Balaio é um território múltiplo e se enquadra dentro do conceito de território cíclico, no qual identidades diferentes interagem com o território em espaços temporais distintos, porém no mesmo espaço físico. Também pode ser identificado que a Casa dos Prazeres é um território que abriga várias identidades, mas não exclui a possibilidade de construir uma identidade territorial, visto que a alteridade se constitui tanto para o outro, sujeito que frequenta a casa, como para o outro, sujeito externo, fora da casa. Criando assim uma identidade, mesmo que complexa e ampla, própria do Balaio, que identifica aqueles pertencentes a esse território.

Dessa forma, pude me aproximar e conhecer melhor o Balaio Café. O lugar ao qual eu já tinha admiração, se tornou exemplo e sonho de que territórios como esses sejam multiplicados pela cidade. Sonho de que Brasília aceite e receba a diversidade que ela engloba, e muitas vezes exclui. Que a cidade celebre as diferenças, e da mesma forma respeite-as.

De certa forma, essa aproximação abriu em mim os olhos para questões relacionadas a direitos humanos, igualdade e justiça. Me afetou principalmente a questão da mulher: branca, negra, musicista, “DJéia”, empresária, macumbeira, cristã, seja quem for ela. A mulher e a situação que ela, e depois desse momento, também eu (que passei a me enxergar como tal), se encontra dentro da sociedade, a luta por seus direitos e reconhecimento, as violências e imposições que sofrem, e as consequências do machismo e do patriarcado.

Para entender melhor o estilo documental de cinema, e a narrativa de documentário, foi preciso pesquisar sobre história do cinema, estilos e estéticas de

documentário e estruturas da linguagem. Essa pesquisa trouxe um enriquecimento na área da cinema, que sempre foi do meu interesse. Mesmo estudante de jornalismo, sempre me encantou o mundo audiovisual. Esse projeto me abriu, mais uma vez, os olhos para as possibilidades e a diversidade que envolve o trabalho na área de Comunicação Social e seu hibridismo.

Com a realização do projeto, pude perceber a proximidade entre jornalismo e cinema documentário, abrindo assim a possibilidade de usar desse conhecimento adquirido na minha carreira profissional e, mais que isso, efetivar a vontade de continuar estudando cinema e audiovisual. Surge então a possibilidade de atuar conjuntamente nessas duas áreas da comunicação. Desse ponto surgiu a ideia de uma dupla habilitação que, até o presente momento, corre o processo do pedido.

Com o produto finalizado em mãos, a expectativa é de fazer uma exibição no próprio Balaio Café. Durante o processo de pós-produção, fui procurada pela equipe do Balaio que demonstrou interesse na exibição do curta **Casa dos Prazeres** no próprio estabelecimento. O filme tem a pretensão de concorrer festivais universitários, entre outros, nacionais ou não, aos quais se enquadre nos aspectos e nas características, exigidos para inscrição. Outra expectativa final é que o filme alcance o máximo de público, e esteja disponível para buscas, pesquisas e visualização online. Para isso, também há a pretensão de, depois dessa primeira fase, o filme ser disponibilizado na internet em canais como Youtube e Vimeo.

8 REFERÊNCIAS

Referência Bibliográfica

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Papirus Editora. Campinas. São Paulo, 1995.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klaus B. Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. – (O poder da identidade; v. 2)
- CORRÊA, Roberto Lobato. Formas Simbólicas e Espaço. Algumas Considerações. *GEOgraphia* – ano IX – N° 17. UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- CRUZ, Valter do Carmo. *Itinerários Teóricos sobre a Relação entre Território e Identidade*. In: *Itinerários Geográficos*. EdUFF. Niterói. 2007.
- GAUTHIER, Guy. *O documentário: um outro cinema*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Papirus Editora. Campinas. 2011.
- GIMÉNEZ, Gilberto. *Identidades Sociais*. México: Instituto Mexiquense de Cultura. 2009.
- HAESBAERT, Rogério. *Identidades Territoriais*. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169 - 190.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.
- LABAKI, Amir. *Introdução ao documentário brasileiro*. Francis. São Paulo. 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*, Jorge Zahar Editor. 2006. 20a ed. Rio de Janeiro.
- LINS, Consuelo e MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real - sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2008
- LIMA, Luana Nunes Matins de. *Território e identidade na romaria Kalunga de Nossa Senhora Aparecida*. UFG. Goiânia. GO. 2014.
- METZ, Christian. *A significação no cinema*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Papirus Editora. Campinas. São Paulo. 2005.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Ed. Ática, São Paulo, 1993.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* Editora Senac. São Paulo, SP. 2008.

SOJA, Edward W. *The Political Organization of Space*. Washington D.C., Association of American Geographers, 1971.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: *Geografia conceitos e temas*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, RJ. 2000.

Referência Filmográfica

Edifício Master. Eduardo Coutinho. VideoFilmes, 2002, 110 min., cor, documentário.

Jogo de Cena. Eduardo Coutinho, 2007, 105 min., cor, documentário.

Marighella. Isa Grinspum Ferraz. Brasil. Downtown Filmes. 100 min., 2012, cor, documentário.

Notícias de uma guerra particular. Kátia Lund/João Moreira Salles, 57 min., 1999, cor, documentário.

O Dia que Durou 21 Anos. Camilo Tavares. Brasil, 77 min. 2012, cor, documentário.

Santiago. João Moreira Salles, 80 min., 2007, cor, documentário.

Virou o Jogo: A história de pintadas. Marcelo Villanova. Vapor Filmes. Brasil, 15 min., 2012, cor, documentário.

Sites e links

Site do Balaio: <<http://balaiocafe.com.br/>>

Página no Facebook Balaio Café: <<https://www.facebook.com/balaiocafe?fref=ts>>

Twitter do Balaio: <<https://twitter.com/balaiocafe>>

Página no Facebook Amigxs dos Prazeres:

<<https://www.facebook.com/amigxsdosprazeres?fref=photo>>

Documentos

AVAAZ, Petições da Comunidade. SEOPS, IBRAMDF, Administração de Brasília. Petição Balaio Café de 21 abril de 2014. Disponível em:

<https://secure.avaaz.org/po/petition/SEOPS_IBRAMDF_Administracao_de_Brasilia/

SALLES, Filipe. *Como se faz cinema? Etapas de Produção*. Material didático da Labculturaviva. Disponível em:

<<http://labculturaviva.org/pontobrasil/materialdidatico/etapasdeproducao.pdf>>

Acessado em: maio de 2014. Acesso: 30 de maio de 2014.

Vídeos

Manifesto de apoio (Quem desligou o som?). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ubHdTZDD8Vg>> Acesso em: 03 de abril de 2014.

Vídeo Toranja na rua (23 de julho 2010). Disponível em:

<<http://www.cult22.com/blog/arquivos/10378#sthash.jAzncTfc.GKx5GtYa.dpbs>>

Sobre narrativa, Dia de Reflexão (Vale). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=yGjWvxsGvWo#t=67>> Acesso em: 10 de maio de 2014.

VII Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, 2013. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=O7O6jKfIPvk>> Acesso em: 22 de maio de 2014.

Matérias em ordem cronológica decrescente

GLOBO, G1 São Paulo. *'Lei do Silêncio' fecha 26 bares em três meses em São Paulo*. 24 de abril de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/04/lei-do-silencio-fecha-26-bares-em-tres-meses-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 08 de maio de 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. *Foliões do bloco Essa boquinha eu já beijei se reúnem na 201 Norte*. 04 de março de 2014. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/04/interna_cidade_sdf,415782/folioes-do-bloco-essa-boquinha-eu-ja-beijei-se-reunem-na-201-norte.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. *Lei do Silêncio interdita distribuidora de bebidas Piauí, na Asa Sul*. 26 de março de 2014. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/26/interna_cidade_sdf,419660/lei-do-silencio-interdita-distribuidora-de-bebidas-piaui-na-asa-sul.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. *Quatro mulheres são agredidas na saída de um café na Asa Norte*. 28 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/28/interna_cidade_sdf,415188/quatro-mulheres-sao-agredidas-na-saida-de-um-cafe-na-asa-norte.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

COSTA, Rodolfo. FORTES, Breno. *Jovem homossexual espancada em bar é chamada de "neguinha" e "sapatona"*. Correio Braziliense. 28 de fevereiro de 2014. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/28/interna_cidade_sdf,415223/jovem-homossexual-espancada-em-bar-e-chamada-de-neguinha-e-sapatona.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

CALGANO, Luiz. SAKKIS, Ariadne. SCHUABB, Gustavo. *Organizadores do carnaval reclamam da falta de apoio e burocracia*. Correio Braziliense. 18 de fevereiro de 2014. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/18/interna_cidade_sdf,413348/organizadores-do-carnaval-reclamam-de-falta-de-apoio-e-burocracia.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

LACERDA, Maryna. LINS, Thalita. CORREIO BRAZILIENSE. *Lei do Silêncio: músicos reclamam de norma que limita o som em 55 decibéis*. Correio Braziliense. 12 de fevereiro de 2014. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/12/interna_cidade_sdf,412382/lei-do-silencio-musicos-reclamam-de-norma-que-limita-o-som-em-55-decibeis.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

GONTIJO, Yale. *'Bloco das perseguidas' adianta o clima carnavalesco na Asa Norte*. Correio Braziliense. 20 de janeiro de 2013. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/01/20/interna_cidade_sdf,345057/bloco-das-perseguidas-adianta-o-clima-carnavalesco-na-asa-norte.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

FADUL, Lucas. SÁ, Gabriel de. *Correio Braziliense relembra músicos que se destacaram na cidade este ano*. Correio Braziliense. 14 de dezembro de 2013. Disponível em:

<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/12/14/interna_diversao_arte,403463/correio-braziliense-relembra-musicos-que-se-destacaram-na-cidade-este-ano.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. *Carioca Cícero apresenta seu primeiro disco em Brasília com a casa cheia*. 09 de fevereiro de 2012. Disponível em:

<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/02/09/interna_diversao_arte,289291/carioca-cicero-apresenta-seu-primeiro-disco-em-brasilia-com-a-casa-cheia.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

RODRIGUES, Rosualdo. *Dupla Letuce conta com ajuda dos fãs para produção do segundo CD*. Correio Braziliense. 17 de fevereiro de 2012. Disponível em:

<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/02/17/interna_diversao_arte,290207/dupla-letuce-Conta-com-ajuda-dos-fas-para-producao-do-segundo-cd.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

GLOBO, G1. *Governo do DF fecha bar na Asa Sul por poluição sonora*. 29 de fevereiro de 2012. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/02/governo-do-df-fecha-bar-na-asa-sul-por-poluicao-sonora.html>> Acesso em: 08 de maio de 2014.

MACIEL, Nahima. *Povo que mora às margens do São Francisco inspira jornalista e fotografo*. Correio Braziliense. 05 de março de 2012. Disponível em:

<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/03/05/interna_diversao_arte,291919/povo-que-mora-as-margens-do-sao-francisco-inspira-jornalista-e-fotografo.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. *Músicos fazem show para o lançamento da coletânea "Artista igual a mendigo"*. 23 de abril de 2012. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/04/23/interna_diversao_arte,299222/musicos-fazem-show-para-o-lancamento-da-coletanea-artista-igual-a-mendigo.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

SAKKIS, Ariadne. *Março é o mês das mulheres. Confira programação.* Correio Braziliense. 08 de março de 2010. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/03/08/interna_cidade_sdf,178130/index.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. *Goli Guerreiro lança dois livros sobre a difusão da cultura africana.* 19 de novembro de 2010. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/11/19/interna_diversao_arte,223828/goli-guerreiro-lanca-dois-livros-sobre-a-difusao-da-cultura-africana.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

BRANT, Pedro. *Cinquentões de Brasília e crianças comemora a data a sua maneira - dia do Rock.* Correio Braziliense. 13 de julho de 2009. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2009/07/13/interna_diversao_arte,125854/index.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2014.

10 ANEXOS

10.1 Cronograma

MESES DE 2014	ATIVIDADES
Março	Leitura do material teórico (bibliografia consultada e sugerida)
Abril (1ª quinzena)	Pesquisa e levantamento de dados e contatos (busca de informação, autorização de filmagem, entrevistas prévias, marcação de entrevistas para gravação)
Abril/Maio (2ª e 1ª quinzena)	Filmagem (gravação de entrevistas e captação de imagens)
Maio (2ª quinzena)	Edição (montagem, decupagem, pós-produção)
Junho (1ª semana)	Finalização

10.2 Orçamento

ITEM	QUANTIDADE	VALOR
Equipamento (cartão de memória)	1	R\$ 150,00
Alimentação	2 semanas	R\$ 280,00
Edição	-	R\$ 500,00
Impressão para embalagem e suporte de mídia	5	R\$ 26,60
Impressão da memória do produto com encadernação	5	R\$ 82,00
TOTAL		R\$ 1.038,60

10.3 Equipe

- **Produção e Direção:** Ana Júlia Melo
- **Entrevistas:** Ana Júlia Melo
- **Imagens:** Ana Júlia Melo e Thiago Santos
- **Roteiro:** Ana Júlia Melo
- **Montagem:** Alesson Campos

10.4 Roteiro

Filme: **Casa dos Prazeres**

Versão: final

Data: 14/06/2014

VÍDEO	ÁUDIO
01 - CG Lettering Distrito Federal Brasília Asa Norte 201 Norte Casa dos Prazeres	Música: Nega do Cabelo Duro versão Sistema Criolina. 01m: 03s de música.
02 - CLIPE - Cenas da Quadra 201 Norte Brasília – DF//Cenas e externas do Balaio Café//Cenas Internas de atividades culturais dentro do Balaio. Lettering Um filme de Ana Júlia Melo	01m: 03s música Fade out Marcelo Almeida OFF Durante 05 segundos
03 - ENTREVISTA Área Externa do Balaio Café Lettering: Marcelo Almeida, Arquiteto.	Marcelo Almeida ON O balaio é um dos bares mais legal // Diverso// Cultural//Democrático
04 - ENTREVISTA Área interna do Balaio Café Lettering: Juliana Andrade Proprietária do Balaio Café	Juliana Andrade ON O Balaio esta em mim desde que eu nasci//
05 - CLIPE Área externa do Balaio Café vista de dentro Lettering: Vanderlei Costa Artista e ex-funcionário - Balaio Café	Vanderlei Costa OFF Eu venho ao balaio porque//
06 - ENTREVISTA Área externa do Balaio Café Lettering: Vanderlei Costa Artista e ex-funcionário- Balaio Café	Vanderlei Costa ON Diversidade artística//comida//música//

<p>07 - ENTREVISTA Área externa do Balaio Café Lettering: Camila Sato Artista Plástica</p>	<p>Camila Sato ON Me sinto a vontade de transitar como eu quiser</p>
<p>08 - ENTREVISTA Área interna do Balaio Café Gabriela Ribeiro Professora de Dança</p>	<p>Gabriela Ribeiro ON É um lugar aberto//cultura//variedade/gente diferente/encontrar os amigos// <i>Música Nega do Cabelo Duro Fade Out</i></p>
<p>09 - CLIPE Cenas de apresentações culturais nas dependências do Balaio Café.</p>	<p><i>Música: Fuego Fade In</i></p>
<p>10 - ENTREVISTA Juliana Andrade</p>	<p><i>Música: Fuego Fade out Moramos nessa rua desde pequenas//Lugar para fazer um lanche// ter um cineclube</i></p>
<p>11 - ENTREVISTA Lettering Luana Ferreira Gerente - Balaio Café</p>	<p>Luana Ferreira ON Um território de resistência da arte//</p>
<p>12 - CLIPE Cenas Cineclube no Balaio Café</p>	<p>Luana Ferreira OFF Musica Fuego em volume baixo ao fundo.</p>
<p>13 - ENTREVISTA Luana Ferreira</p>	<p>Luana Ferreira ON Cinemas de shopping// arte representante do grande capitalismo// criatividade</p>
<p>14 - CLIPE Parede com escritas e desenhos estêncil; Área externa do Balaio Café</p>	<p><i>Música: Fuego aumenta de volume</i></p>
<p>15 - ENTREVISTA Lettering Philipe Mello</p> <p>Cenas do Balaio ilustrando a diversidade cultural exposta.</p>	<p>Philipe Mello ON <i>Música: Fuego ao fundo abaixa de volume</i></p>
<p>16 - ENTREVISTA Lettering Tatiana Lionço Psicóloga – CIA Revolucionária triângulo rosa</p>	<p>Tatiana Lionço ON Eu frequento o balaio porque eu me sinto bem nessa casa// é um território livre// cultural// diversidade social</p>

<p>17 - ENTREVISTA Lettering Guaia Monteiro Assistente Social – Marcha das Vadias</p>	<p>Guaia Monteiro ON Vim no balaio no início//como um café//espaço constituído//ocupação política.</p>
<p>18 - CLIPES Cenas da Rodoviária do Plano Piloto - Brasília DF.</p>	<p>Juliana Andrade OFF Um local muito próximo ao terminal rodoviário <i>Música São Jorge ao fundo</i></p>
<p>19 - ENTREVISTA Área interna do Balaio</p>	<p>Juliana Andrade ON Pisamos muito nesse chão enquanto crianças.</p>
<p>20 - ENTREVISTA</p>	<p>Marcelo Almeida ON Antigo colega indicou, vim tomar um café// gostei muito do que eu vi// Capitão Marcus//.</p>
<p>21 - ENTREVISTA Lettering Ivan Bicudo Jornalista e Produtor - Festa Toranja Cenas Festa no Balaio Café</p>	<p>Ivan Bicudo ON Já tinha uma coisa na Quarta-feira//Cansei de ser Cult// Mesa de ping-pong// trazer música nova//</p>
<p>22 - ENTREVISTA Lettering Khalil Santarém Músico – Filhos de Dona Maria</p>	<p>Khalil Santarém ON <i>Música de fundo Eu sou a Mosca Praieira – ao fundo</i> Desde o Ensino Médio// treinava capoeira// vinha nas festas</p>
<p>23 - ENTREVISTA Lettering Clarissa Gomes Publicitária – Festa Dike-se e Sapabonde</p>	<p>Clarissa Gomes ON Venho o balaio já há muitos anos// para mim é casa// me sinto bem segura/ bem recebida.</p>
<p>24 - ENTREVISTA Lettering Mariana Sardinha Musicista – Bloco Essa boquinha eu já beije</p>	<p>Mariana Sardinha ON O balaio para mim é tipo um puxadinho de casa// confusão boa// balaio de gato, de calango do cerrado.</p>
<p>25 - ENTREVISTA Juliana Andrade Philippe Mello Vanderlei Costa</p>	<p>Juliana Andrade ON Que trouxesse uma coisa que nos nutrisse não só financeiramente// que fosse uma oferta ao novo mundo// batizamos de balaio café//Nome por causa da balaiada Espaço para qualquer tipo de evento// É um verdadeiro balaio de gato// <i>Transição para música Mândala</i></p>

<p>26 - ENTREVISTA Lettering Clara Averbuck Escritora</p>	<p>Clara Averbuck ON É um balaio de gente legal, libertária e querendo mudança.</p>
<p>27 - ENTREVISTA Juliana Andrade</p>	<p>Juliana Andrade ON Algumas culturas africanas associa o balaio ao cesto mágico, cesto de magia//um nome acertado.</p>
<p>28 - ENTREVISTA</p>	<p>Clara Averbuck ON A primeira vez que eu vim ao balaio foi em 2012// Quando eu conhecia casa// mandaram fechar a casa// sei que tem uma perseguição.</p>
<p>29 - CLIPE Cenas: Policiais no Balaio Café</p>	<p>Clara Averbuck OFF Mandaram fechar a casa// sei que tem uma perseguição.</p>
<p>30 - ENTREVISTA</p>	<p>Guaia Monteiro ON Cada vez mais mulheres trabalhando na casa//</p>
<p>31 - ENTREVISTA Lettering Patricia Egito Agente Cultural – Balaio Café Imagem “We can do it!”</p>	<p>Patricia Egito ON É valorizado aqui dentro da casa o trabalho da mulher//</p> <p>Patricia Egito OFF</p>
<p>32 - ENTREVISTA</p>	<p>Guaia Monteiro ON Pessoas que respeitam// aqui é nosso espaço// a violência e o machismo não se firmam.</p>
<p>33 - ENTREVISTA</p>	<p>Juliana Andrade Eu represento muitas ameaças a essa cultura// cultura de subordinação da liberdade feminina// a partir do momento que eu represento uma ameaça eu devo ser combatida - <i>Música Mândala sobe o volume</i></p>
<p>34 - CLIPE Cena Panorâmica do “Cardápio Cultural”</p>	<p><i>Música Mândala</i></p>

<p>35 - ENTREVISTA Lettering Rubens Bezerra Mestre de Capoeira</p> <p>Cena capoeiristas treinando no Balaio Café.</p>	<p>Rubens Bezerra ON O Balaio da essa oportunidade de mostrar nossa cultura afrodescendente.</p> <p>Rubens Bezerra OFF <i>Música Nega do cabelo duro Fade In</i></p>
<p>36 - ENTREVISTA Lettering Leandro Safatle Economista – Cineclube Jiló na Guela</p>	<p>Leandro Safatle ON Tem filme no Balaio// Balaio participa de dia mundial de produção e divulgação de cinemas //o Balaio se insere mesmo que marginalmente na agenda de cinema de Brasília.</p>
<p>37 - ENTREVISTA Lettering Vitor Luis Sarno Economista – Cineclube Jiló na Guela</p>	<p>Vitor Luis Sarno ON A gente teve aqui a divulgação do lançamento do filme índio cidadão que fala sobre o movimento indígena.// Foi um momento emocionante.</p>
<p>38 - ENTREVISTA Lettering Irene Aguiar Jornalista – Bloco Essa boquinha eu já beije Cena de uma Camisa do Essa boquinha eu já beije Musicista – Bloco Essa boquinha eu já beije</p>	<p>Irene Aguiar ON A gente estava conversando e tivemos a ideia de uma festa// um bloco de carnaval</p> <p>Yara Alvarenga OFF</p>
<p>39 - ENTREVISTA</p>	<p>Yara Alvarenga ON A aceitação ia ser certa// o público da casa já conhecia o trabalho individual de cada uma//a gente simplesmente juntou as musicistas.</p>
<p>40 - ENTREVISTA Lettering Nathalia Lima</p>	<p>Nathalia Lima ON O Balaio faz carnaval// Você não vai na 201 Norte, você vai ao Balaio//.</p>
<p>41 - ENTREVISTA</p>	<p>Guaia Monteiro ON Também tem esse desejo da casa, de que seja ocupada como território público. <i>Música Magrela Fever</i></p>
<p>42- ENTREVISTA</p>	<p>Marcelo Almeida ON Território é um conceito difícil de ser definido.</p>

<p>43 - CLIPE Cenas do Balaio em várias ocasiões festivas</p>	<p>Marcelo Almeida OFF Se caracteriza como território// uma formação subjetiva.</p>
<p>44 - CLIPE</p>	<p>Tatiana Lionço OFF Muito dificilmente em Brasileia você tem o encontro das pessoas no espaço público. Tatiana Lionço ON A quadra em que o café esta situado se tornou uma das poucas praça a cidade a ser ocupada//</p>
<p>45 - CLIPE Cenas do “Batismo da praça” Cena pessoas no Balaio</p>	<p><i>Música Magrela Fever acaba</i> Discurso da Praça Por Patrícia Egito <i>Deixa a Gira Girar Fade In</i></p>
<p>46 - ENTREVISTA</p>	<p>Juliana Andrade ON Uma vez eu recebi um recado de que o Balaio era um terreiro, que era para eu cuidar do meu terreiro.</p>
<p>47 - ENTREVISTA</p>	<p>Khalil Santarém ON A gente vive uma ideia// um sonho de democracia que na verdade não existe/ não tem uma democracia real de verdade// um estado laico de verdade.</p>
<p>48 - ENTREVISTA</p>	<p>Tatiana Lionço ON É uma casa de apropriação// a triângulo rosa é um dos coletivos que usa o espaço para suas atividades// é um espaço também de apropriação cultural.</p>
<p>49 - ENTREVISTA</p>	<p>Juliana Andrade ON É um território de expressão política// de entendimento de contextos sociais e políticos// faz questão de falar de política//</p>
<p>50 - ENTREVISTA</p>	<p>Vanderlei Costa ON Não da para rotular o público do Balaio// tem universitário//artista//estrangeiro.</p>
<p>51 - ENTREVISTA</p>	<p>Camila Sato ON É um samba do crioulo doido// um portal de várias coisas em Brasília.</p>
<p>52 - ENTREVISTA</p>	<p>Juliana Andrade ON São pessoas felizes, alegres, leves.</p>

<p>53 - ENTREVISTA</p>	<p>Clarissa Gomes ON É difícil identificar um público só</p>
<p>54 - ENTREVISTA</p>	<p>Patrícia Egito ON Muitas coisas ao mesmo tempo//oficina de turbante// reunião da comissão de direitos humanos e minoria // oficina de percussão</p>
<p>55 - ENTREVISTA Lettering Professora - Associação Coturno de Vênus</p>	<p>Melissa Navarro ON Casa dos prazeres// casa do respeito à diversidade//as pessoas//as mulheres// uma casa que você consegue se sentir seguro.</p>
<p>56 - ENTREVISTA</p>	<p>Luana Ferreira ON Uma escola de convivência social// Rubens Bezerra ON O Balaio é como se fosse o coração de uma mãe, sempre cabe mais um. Vitor Luis Sarno ON É realmente a casa dos Prazeres// quem tiver uma loucura e quiser cometer sua loucura a Ju é louca o suficiente para acolher essa loucura// <i>Acaba música Magrela Fever e começa Música Cordeiro de Naná</i></p>
<p>57 - ENTREVISTA</p>	<p>Juliana Andrade ON O Balaio é uma vida né, um coração, um cérebro, um útero// um universo inteiro de muitas transcendências.// Acho o Balaio uma rede// uma fonte de inspiração.</p>
<p>58 - ENTREVISTA Lettering Letícia Fialho Musicista – Bloco Essa Boquinha eu já beije</p>	<p>Letícia Fialho ON O coração da cidade// todo mundo se encontra aqui// para alegria// pro encontro//para brincadeira</p>
<p>59 - CLIPES Cena bonecos e quadro da Juliana Andrade</p>	<p>Yara Alvarenga OFF O Balaio é a realidade pura da vida. Fernanda Jacob OFF Um espaço que respira arte.</p>
<p>60 - ENTREVISTA Lettering Fernanda Jacob Cantora - Bloco Essa boquinha eu já beije</p>	<p>Fernanda Jacob ON Um espaço querido// para que ele continue tendo voz// continue vivo.</p>

<p>61 - ENTREVISTA</p>	<p>Juliana Andrade ON Eu sempre venho de casa para o balaio// balaio casa// E ao mesmo tempo quando eu piso aqui eu penso que é um universo finito com infinitas possibilidades, e acho que vai ser assim para sempre. <i>Música Cordeiro de Naná Sobe o volume.</i></p>
<p>62 - CG Lettering Direção, Produção e Roteiro Ana Julia Melo Câmera Ana Julia Melo// Thiago Santos Edição Alesson Campos Moura Arte Barbara Miranda Trilhas Agradecimentos Entrevistados Universidade de Brasília</p>	<p><i>Música Cordeiro de Naná Fade out</i></p>